

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

SAMARA PIMENTA MONECCHI

**AVIZINHANDO EXPERIÊNCIAS: HISTÓRIAS DE UMA CIDADE COM A
LOUCURA**

VITÓRIA/ES
2021

SAMARA PIMENTA MONECCHI

**AVIZINHANDO EXPERIÊNCIAS: HISTÓRIAS DE UMA CIDADE COM A
LOUCURA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito obrigatório para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Institucional.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Elizabeth Barros de Barros.

VITÓRIA/ES
2021

SAMARA PIMENTA MONECCHI

**AVIZINHANDO EXPERIÊNCIAS: HISTÓRIAS DE UMA CIDADE COM A
LOUCURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Institucional.

Vitória, __/__/2021

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Elizabeth Barros de Barros
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Heliana de Barros Conde Rodrigues
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Membro Externo

Prof. Dr. Luis Antonio dos Santos Baptista
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Interno

VITÓRIA/ES
2021

Para Gislene Pimenta Monecchi (*In
memorian*) e Sergio Luis Monecchi

AGRADECIMENTOS

A Deus pela companhia, amor, força e proteção. A ti, toda honra e glória.

Aos meus pais, Gislene Pimenta Monecchi (*in memorian*) e Sergio Luis Monecchi, por não medirem esforços para apoiar e incentivar meus estudos e de meu irmão, nos acompanhando e apoiando em todas as etapas de nossas vidas. Sem vocês, nada disso seria possível. Obrigada por tanto, eu amo vocês.

Ao meu irmão Samuel Pimenta Monecchi, sua força e determinação são inspiradoras para mim.

À Carolina Vasconcellos, minha namorada, por tanto amor e cuidado, pela escuta sensível de minhas angústias e medos. Obrigada pelo afago, ainda que no silêncio das palavras, que me trouxe calma e me deu forças para continuar.

À Andrea Vasconcellos pelo cuidado, paciência e pelas palavras de ânimo e inspiração que me deram forças nessa caminhada acadêmica.

À Maria Elizabeth Barros de Barros, minha orientadora e amiga, pela oportunidade e por acreditar em mim e no meu trabalho. É uma honra aprender todos os dias com você. Você é muito especial.

À Heliana Conde, Priscila Oliveira e ao Luis Antonio Baptista pelo cuidado e zelo na leitura de meu trabalho e pelas contribuições na qualificação e durante todo o percurso do meu processo de mestrado. Muita admiração por vocês.

Às minhas amigas, Amanda Lovo, Stéphanie Sian, Renata Sales e Kaline Machado pelos encontros, risadas e escutas dos desabafos e anseios durante todo esse percurso de pesquisa. Amizade é raridade.

Aos meus amigos integrantes do grupo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividades e Políticas/Programa de Formação e Investigação em Saúde do Trabalho/UFES (NEPESP/PFIST): Jomar Zahn, Denise Coelho, Carolina Roseiro, Cristiane Bremenkamp, Danuza Fonseca, André Avancini, Cristiana Bonaldi, e todos os outros membros desse potente grupo. Obrigada pelas leituras dedicadas e contribuições para com meu trabalho.

À Ivana Carneiro Botelho pelo cuidado e sabedoria para com minhas demandas e anseios nesse processo de pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro.

Por fim, ao meu fiel companheiro Ducky.

Esse trabalho foi escrito a muitas mãos, e só pode ser escrito assim.

A todos, muito obrigado.

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade contar histórias de experiências de uma cidade com a loucura. A cidade, que nesta pesquisa conta algumas de suas múltiplas e incontáveis histórias, é Cariacica, escolhida para sediar o primeiro hospital psiquiátrico público do estado do Espírito Santo, o Hospital Aduino Botelho. A existência desse hospital produziu marcas na cidade, que se acostumou a manter a loucura à distância, trancafiada nos muros do manicômio. A partir da abertura dos portões físicos do Aduino Botelho, a loucura passa a habitar outros espaços de Cariacica, também escolhida para sediar as primeiras casas com finalidade de servir de moradia para alguns dos ex-internos do hospital que perderam o vínculo familiar. Essas casas receberam o nome de Serviços Residenciais Terapêuticos. Movendo-se a partir da questão: o que a cidade de Cariacica nos conta sobre os modos como a loucura foi acolhida em seus espaços para além do espaço manicomial, a presente pesquisa apostou em uma metodologia de avizinhamo de experiências, com apoio da História Oral. Entende-se por avizinhar um aproximar-se, chegar-se à cidade a partir das histórias que ela conta e, neste processo, convocar a experimentação de novas relações com a loucura, que agora habita outros espaços da cidade. Isso, pois, acredita-se que a experiência nos arranca de nós mesmos, nos transforma e nos leva a sermos outra coisa que, até então, não conhecíamos. Assim, as histórias que compõem essa pesquisa são uma mistura entre as experienciadas pela pesquisadora junto com os profissionais da saúde mental e moradores que experienciaram (e ainda experienciam) o encontro da loucura com a cidade a partir do Conjunto Residencial Santana, localizado em Cariacica. A partir das narrativas apresentadas, somos convocados a nos avizinharmos desta cidade e, junto com ela, produzirmos modos outros de experimentarmos a loucura na cidade.

Palavras-chave: Cariacica; Hospital Aduino Botelho, Serviço Residencial Terapêutico; História Oral; Experiência.

ABSTRACT

This work aims to tell stories of experiences with madness in a city. The city, which in this research tells some of its countless stories, is Cariacica, chosen to host the first public psychiatric hospital in Espírito Santo state, Aduino Botelho Hospital. The existence of this hospital produced marks in the city, which got used to keeping madness at a distance, locked in the walls of the asylum. After the opening of the physical gates of Aduino Botelho, madness began to inhabit other spaces in Cariacica, also chosen to host the first houses with aiming at serving as housing for some of the former inmates of the hospital who lost their family ties. These houses were named Therapeutic Residential Services. Then, moving from the question: what the city of Cariacica tells us about the ways in which madness was welcomed in its spaces beyond the asylum space, this research bet on a methodology of becoming closer to experiences, with support from Oral History. "To become closer " is understood by approaching, a way of approaching the city based on the stories it tells and, in this process, summoning the experimentation of new relationships with madness, which now inhabits other spaces in there. Then, it is believed that the experience takes us away from ourselves, transforms us and leads us to be something else that, until then, we did not know. Hence, the stories that make up this research are a mixture between those experienced by the researcher together with those of mental health professionals and residents who have experienced (and are still experiencing) the encounter of madness with the city from the Conjunto Residencial Santana, located in Cariacica city. From the narratives presented, we are invited to approach this city, and together with it, to produce other ways of experiencing madness in the city.

Keywords: Cariacica; Aduino Botelho Hospital, Therapeutic Residential Service; Oral History; Experience.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: "Não se indigne por causa das injustiças. A pior injustiça está em cometê-las" - Pichação no muro da Vale.....	30
Figura 2: Parque Municipal Mochuara.....	31
Figura 3: Reserva Biológica de Duas Bocas.....	32
Figura 4: Carnaval do Congo.....	33
Figura 5: Flyer do 27º Grito dos Excluídos.....	44
Figura 6: Ilha da Pólvora.....	53
Figura 7: Ilha da Pólvora.....	54
Figura 8: Mapa do entorno do antigo Hospital Adauto Botelho, no bairro de Santana - Cariacica.....	58
Figura 9: Tapetes confeccionados na oficina de tapeçaria do CAPS Moxuara.....	60
Figura 10: Visita dos moradores das residências terapêuticas e usuários do CAPS ao Museu Vale.....	79
Figura 11: Primeiro ponto de ônibus criado após a transformação no HEAC.....	80
Figura 12: Primeiro dia da linha de ônibus 712 HEAC.....	80
Figura 13: Usuário do CAPS Moxuara com a placa de identificação da unidade de atenção clínica inaugurada no hospital.....	81
Figura 14: Ação desenvolvida pelo Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Darcy Rodrigues em conjunto com os moradores das residências terapêuticas de Santana.....	81

SUMÁRIO

1 MEMÓRIAS DE UMA MORADORA-PESQUISADORA DE CARIACICA: NASCE UMA PROPOSTA DE PESQUISA.....	12
2 TENTANDO APRENDER UM POUQUINHO: HISTÓRIA ORAL E AVIZINHAMENTO COMO APOIO METODOLÓGICO	22
3 CONHECENDO O TERRITÓRIO DE CARIACICA.....	29
4 UM HOSPITAL PSIQUIÁTRICO NA CIDADE	455
5 HISTÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS: A LOUCURA VIZINHA AO LADO	644
6 (IN) CONCLUSÕES	822
REFERÊNCIAS	866

“Eu sou dado ao maravilhoso, ao fantástico, ao hipersensível; nunca, por mais que quisesse, pude ter uma concepção mecânica, rígida do Universo e de nós mesmos. No último, no fim do homem e do mundo, há o mistério e eu creio nele. Todas as prosápias sabichonas, todas as sentenças formais dos materialistas, e mesmo dos que não são, sobre as certezas da ciência, me fazem sorrir e, creio que este meu sorriso não é falso, nem precipitado, ele me vem de longas meditações e de alanceantes dúvidas (Lima Barreto)”.

1 MEMÓRIAS DE UMA MORADORA-PESQUISADORA DE CARIACICA: NASCE UMA PROPOSTA DE PESQUISA

Cada vez que tentei fazer um trabalho teórico, foi a partir de elementos de minha própria experiência: sempre em relação com processos que eu via se desenvolverem em torno de mim. Foi porque acreditei reconhecer nas coisas que via, nas instituições com que me ocupava, em minhas relações com os outros, fissuras, abalos surdos, disfunções, que empreendi esse trabalho - algum fragmento de autobiografia¹.

A cidade é povoada de histórias inacabadas, histórias sempre em construção, das mais diversas às mais dispersas, onde utopias e paradoxos se atravessam. Iluminada pelas luzes da razão, espera-se dela que os acasos se dissipem, que a diferença não habite, não circule, que desapareça com suas errâncias. Mas são nas ruas, esquinas, avenidas, nos mais ínfimos lugares da urbe que outras histórias estão sendo construídas e contadas, histórias não apenas de recusa, medo, insegurança e indiferença.

Que histórias são possíveis de serem contadas de uma cidade?

O presente trabalho nasce a partir de experiências de uma vida como moradora da cidade de Cariacica-ES, que desde a adolescência experiencia o encontro (ou reencontro) dessa cidade com a loucura. Esse encontro se estabelece a partir da abertura dos portões físicos do primeiro - e tão desejado pela comunidade local - hospital psiquiátrico público do estado do Espírito Santo, o Hospital Adauto Botelho. Inaugurado em 1954, é comumente chamado de “Adauto” pelos moradores da cidade.

Essas experiências foram sendo construídas, mais precisamente, no bairro Santana, no Conjunto Residencial Santana. O bairro, a partir do ano de 2004, foi escolhido para sediar algumas das primeiras residências terapêuticas² do estado. Hoje, somam-se cinco residências na região que tiveram como objetivo servir de moradia para os ex-

¹ Foucault (2010, p. 82)

² As casas aqui mencionadas dizem respeito aos Serviços Residenciais Terapêuticos, estabelecidos a partir da portaria nº 106 de 11 de fevereiro de 2000. É um serviço da Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde. A proposta do serviço é oferecer moradia para egressos de internações de longa permanência tanto em hospitais psiquiátricos quanto em hospitais de custódia, oferecendo suporte e cuidados em saúde e em saúde mental aos moradores (BRASIL, 2004). As casas compõem, juntamente com as demais, o cenário urbano e são divididas, a depender da modalidade e da necessidade de maiores cuidados, em residências tipo I e tipo II. Ambas são destinadas a moradores em processo de desinstitucionalização. Entretanto, o tipo II destina-se aos moradores com necessidades de cuidados elevados e/ou permanentes (BRASIL, 2004). Antes, as moradias abrigavam cerca de 8 pessoas na residência tipo I e dez pessoas no tipo II. A partir da portaria nº 3 de 28 de setembro de 2017, ambos passaram a acolher dez moradores (BRASIL, 2017).

internos que deixaram o antigo hospital - atualmente nomeado Hospital Estadual de Atenção Clínica³ - que fica a poucos quilômetros do conjunto. Esse processo de desospitalização daqueles que passaram grande parte de suas vidas internados nesse hospital psiquiátrico se efetivou a partir de 1996⁴.

O manicômio de Cariacica, conforme discutiremos posteriormente, ficou, durante mais de quarenta anos, encarregado de receber os considerados “desviantes” de um modelo de cidade burguesa, que emergia nos grandes centros urbanos capixabas. Corpos indesejados na cidade, separados da família, do trabalho, corpos considerados improdutivos e até mesmo perigosos, uma vez que sua loucura perturbava a ‘paz e a ordem social’, o que poderiam oferecer senão a desordem?

O Hospital Adauto Botelho foi um espaço destinado para alocar e retirar da cena urbana estes corpos desviantes do padrão urbano, pautado, em especial, por um discurso médico higienista, que teve grande força no cenário brasileiro a partir do século XIX. Para o manicômio de Cariacica eram enviados alcoolistas, mendigos, mulheres indesejadas no casamento e na partilha de bens, sífilíticos e, até mesmo, aqueles cujas roupas estavam em desalinho⁵. Era preciso ‘tratar’ a loucura para que pudessem retornar aos espaços outros da cidade, enquanto os “sem conserto” por lá ficariam, afinal, que utilidade teriam na cidade higienizada, produtiva e em ‘crescimento’?

Por anos habitando apenas o hospital psiquiátrico, os transeuntes do manicômio passaram a compor o cenário da cidade de uma outra forma, distinta da privação do contato e do trânsito urbano. Aqueles que por lá residiram por mais de trinta anos, que tinham como únicas ruas os corredores do hospital, voltam a compor a cena urbana. Essa loucura, que antes fora ocultada dos espaços da cidade, hoje entrelaça, circula e habita os espaços da cidade de Cariacica.

Como essa cidade acolheu a loucura a partir da abertura dos portões físicos do Adauto?

³ Discutiremos as mudanças e transformações ocorridas no hospital no capítulo quatro.

⁴ Espírito Santo (2005).

⁵ Carrion (2011).

De certo, o hospital deixou muitas marcas na memória dos moradores dessa cidade, como também nos corpos daqueles que por anos ficaram trancafiados nesse palácio de ferro fincado em um cume de um acidentado relevo cariaciquense. Memórias muitas vezes marcadas por medo e zombaria que, através de brincadeiras e piadas, faziam emergir uma concepção instituída de loucura como doença e perigosa.

“Fulano parece que é doido, não sabe ficar quieto, daqui a pouco a escola desiste e te manda pro Adauto” - frases como esta eram enunciadas nas escolas, entravam no meio das brincadeiras e risadas ao fim das aulas. As crianças se divertiam com o amigo indisciplinado que mais uma semana fora para a coordenação, enfatizando que o lugar de “doido”, de quem não sabe ficar quieto, de quem não responde a um padrão escolar - que exige silêncio por quase cinco horas sentados em fileiras - é um hospital psiquiátrico, uma oficina de consertar e depositar humanos.

Brincadeiras e zombarias que não ocorriam apenas no âmbito escolar. Nas ruas de Itacibá, sempre que avistavam um morador muito conhecido do bairro, as crianças abriam as janelas da Kombi escolar – mesmo que em dias de chuva – para gritar o apelido que nele colocaram: “Patão Cagão”. Este, inclusive, era o único nome conhecido deste morador por todos que ali residiam. Considerado como o “doido de Itacibá”, os estudantes gritavam para ter o prazer de vê-lo irritado. Ele xingava, pegava qualquer coisa que tivesse no chão para jogar no automóvel, enquanto dentro da Kombi as risadas se intensificavam.

Nunca se soube se esse era morador “da invasão”, como costumam identificar uma região de Itacibá que se constituiu a partir de uma invasão de pessoas que vieram de outras localidades para residir no bairro fora um ex-residente do Adauto mas, ao apresentar no corpo traços que faziam disparar uma ideia de loucura como doença, como esquisitice, como algo que não combinava com o que se considerava um ‘modo normal’ de viver, tornou-se alvo de zombaria.

“Pato Cagão” andava com roupas largas, muitas vezes sujas e, talvez por isso, tenha ganhado esse apelido. Com suas calças de pano acima da barriga, com a barra enrolada até a canela, blusas largas, barba grande e com um cabo de vassoura nas mãos, gostava de ficar com seu copo plástico descartável na frente de uma igreja evangélica, de mãos estendidas a pedir alguma “bênção dos céus”.

Assustadas, muitas pessoas ao saírem da igreja desviavam daquele corpo parado ali na porta: “Isso aí é falta de Deus, tem que orar, só Deus mesmo”. Enquanto alguns conversavam entre murmúrios e iam embora às pressas, outros tentavam oferecer alguma ajuda, uma água para o copo sempre vazio que ele carregava, por exemplo. Ele prontamente rejeitava, o recipiente era para outra coisa, que nunca se soube exatamente sua função. Amedrontados pelas pedras jogadas na lataria da kombi e das histórias contadas pelos alunos da escola, de que “Pato Cagão” corria atrás das pessoas com o cabo de vassoura na mão, muitos optavam por uma certa e ‘segura’ distância do morador.

Frente ao encontro com modos de vida que diferem de um metro padrão definido como desejável, que não encarnam e sequer performam traços socialmente vangloriados, padronizados e normalizados, a cidade vê balançar seus territórios estáveis. A presença do “Pato Cagão” gerava incômodo, medo, murmúrios e desvios entre tantos outros movimentos de alguns moradores do bairro que viam seu estável território se abalar perante àquele modo de existência fora de uma proposta de “normalidade”. Na cidade racional, “homens e mulheres comuns enrijecem os corpos preocupados em aniquilar a provável ameaça aos seus ideais. Desejam implacavelmente a paz em seus territórios”⁶. O que mais revela o confronto dessas experiências?

Meu primeiro contato com os ex-residentes do Adauto teve início, em especial, a partir do ano de 2009, quando comecei a frequentar o Conjunto Residencial Santana. Localizado logo na entrada do bairro, o conjunto tem características e uma beleza singular, o que o torna um local agradável de frequentar. Distribuídas de forma ordenada, as casas, em sua maioria, são grandes, espaçosas, sendo difícil não encontrar uma casa bonita no conjunto. A pracinha é arborizada e tem chão de pedrinhas, rádios ficam fincados nos postes a tocar músicas e a quadra está sempre cheia de crianças e adolescentes a brincarem de bola. Impossível esquecer do centro comunitário do conjunto e suas festinhas, em especial a festa junina, que deixava decorada toda a praça e contava com a presença de pessoas que vinham de outros bairros como Tabajara, Nova Valverde, Planeta I e II, Itacibá, entre outros.

⁶ Baptista (2020, p. 22).

Não é muito difícil chegar ao conjunto, afinal, Santana é um bairro que tem muita circulação de ônibus. Ele é atravessado pela rodovia José Sete, de muita importância para rota comercial do estado, uma vez que estabelece ligação com a BR 262 e a BR 101 que levam às cidades de Serra, Vitória, além do acesso a Belo Horizonte (MG) e Rio de Janeiro (RJ). Praticamente todos os ônibus que saem do terminal rodoviário de Itacibá, que abrange os bairros Tabajara, Nova Valverde, Planeta I e II, Campo Verde, Porto de Cariacica, e regiões próximas, passam pelo bairro.

Na subida da ladeira, que dá acesso ao conjunto, é possível avistar a padaria e a pracinha, locais de encontro entre os moradores. É difícil encontrar esses espaços vazios, sempre com policiais e guardas municipais que fazem algumas paradas na padaria para um café e se demoram entre conversas e risadas, as mães com seus filhos a brincar no parquinho da pracinha, outros que aparecem para pegar um sol da manhã ou do fim de tarde e aproveitam os encontros com os amigos da vizinhança para conversar sobre planos, contas a pagar, sonhos e outras coisas do dia a dia.

Nas brincadeiras entre amigos, costumávamos sempre dizer que o conjunto nem parecia pertencer à Cariacica, talvez um ponto fora da curva: sua organização e seus espaços de entretenimento nos saltavam aos olhos como raridade. Expressões que fazem emergir memórias de uma cidade que constantemente tem sua imagem relacionada apenas à criminalidade, violência, desordem e ao abandono, fazendo-nos esquecer das belas paisagens como as montanhas do Mochuara, a cultura do Congo e a potência da resistência do povo cariaticuense presente em vários lugares dessa cidade.

Apesar de à época não se conhecer o que era uma residência terapêutica na cidade, a convivência com as “casinhas dos doidinhos” ou “casinhas do Adauto” - como eram chamadas pelos moradores de Santana - marcaram a memória dos que habitavam o bairro.

Uma delas, localizada acima da padaria, chamava atenção pelo fato dos moradores, em sua maioria idosos, quase sempre estarem vestidos de roupas largas, já bem desgastadas, algumas até rasgadas. Muitos gostavam de ficar na janela da residência olhando o trânsito da rua enquanto outros preferiam ficar na pracinha, seja para pegar um sol da manhã ou do fim de tarde. Um deles sempre era visto pelas ruas do conjunto

com seu rádio na mão tocando músicas do Roberto Carlos. Algumas vezes gostavam de conversar com qualquer morador que por lá estivesse. Muitos quando abordados por esses vizinhos se levantavam, trocando de mesa ou até mesmo iam embora, mas outros se deixavam embalar pelas conversas diversas.

Um pouco mais à frente da Unidade Básica de Saúde de Santana encontramos uma casa de simpáticas senhoras que gostavam bastante de conversar, sempre agarradas às grades do portão, puxando assunto com quem quer que passasse pela calçada: “Tá frio hoje né colega?”, “Tá indo estudar colega?”. Uma delas gostava de ficar pedindo um biscoito para comer, especialmente um mirabel, seu preferido e que, muitas vezes, era entregue por sua vizinha da direita, com a qual fizera amizade. Ao longo do dia a chama algumas vezes, ora para conversar ora para lembrá-la do mirabel.

A casa desperta olhares por sua beleza, destacada por seu jardim bem cuidado, seus coqueiros sempre com as folhas verdes e seu telhado coberto por telhas portuguesas alaranjadas. No quintal, uma piscina que, mesmo nos dias mais quentes e ensolarados, não vemos moradores desfrutarem.

Muitas são apelidadas de escandalosas por alguns moradores, por conta de seus incansáveis gritos de "bom dia", que disparam a qualquer hora, como forma de cumprimentar as pessoas que passam pela rua. Gritos que causam medo e incômodo em algumas pessoas. Rastros de pontes invisíveis são então desenhados pelas ruas, ligando uma calçada a outra, proporcionando uma certa (e segura) distância da residência, rastros marcados nos corpos preconceituosos e discriminadores. Muitos se negam a responder ao cumprimento e as moradoras se negam a silenciarem-se. Vencem algumas dessas batalhas pela insistência e, talvez com isso, quebrem a indiferença.

Em minhas andanças pelo bairro, muitas foram as vezes que respondia aos cumprimentos, seja pela segunda ou terceira vez, tocada pela insistência que conseguia atravessar as barreiras invisíveis do medo e do silêncio. A casa, que antes provocava desvios, tornou-se ponto de parada para compartilhar histórias quaisquer, muitas vezes sobre um "cachorro verde" que uma das moradoras teve durante a infância.

“É a casa das doidinhas, não sei muito bem o que é não, mas acho que é um abrigo de idosas”. Essa foi a resposta que obtive de uma moradora antiga do conjunto - vizinha de frente das moradoras - quando certa vez, curiosa, questionei querendo conhecer um pouco da história daquela casa e de quem nela residia. Recebi a notícia com certa tristeza e incômodo, afinal, nas vezes em que ia ao conjunto, nunca presenciei sequer uma visita àquelas moradoras que tanto gostavam de conversar, tampouco as conversas sem a barreira das grades do portão.

As memórias de uma época adolescente parecem ainda se atualizar. Certa vez, em uma das visitas ao bairro, enquanto aguardava o horário de um compromisso agendado, sentada na calçada em frente a “casa das escandalosas” - única residência terapêutica feminina do conjunto - uma moradora se sentou um pouco mais à frente, na mesma calçada, para descansar da subida da ladeira de entrada do conjunto. Nas conversas travadas, ao saber do meu ofício de psicóloga, apontando para a residência, lançou o seguinte questionamento: “Não tem perigo a gente viver com eles aqui não?” - pergunta que sinaliza um medo, intolerância com o que difere, estigma face ao contato com a loucura.

Com o tempo, o conjunto passou a abrigar mais duas residências terapêuticas e as casas mais antigas foram ganhando rostos novos, mas uma delas, a mais nova a ser implementada, chama atenção da vizinhança: “Quem são os novos moradores?”, “Nunca os vi aqui na rua”, “Será que não podem sair?”. Diferente do que se tinha lembrança dos outros moradores sempre na varanda, com as janelas abertas a olharem o trânsito das ruas, acendendo seus cigarros um após o outro, os rostos dos “novos” moradores não puderam ser guardados na memória. Altos muros que dificultam, ou melhor, praticamente impossibilitam, o encontro, ainda que apenas em olhares entre vizinhos. O grande portão de aço parece nunca ter sido aberto, sendo apenas possível ouvir gritos e ver a fumaça dos cigarros sobre os muros da residência.

Essas experimentações foram produzindo inquietações na cidade e com a cidade. Existiriam outras histórias que revelam uma ocupação da loucura na cidade para além dos muros e grades das residências? Histórias que continuam a ser contadas de encontros e produções de amizade, ainda que em breves lampejos, como a lembrança da compra de um mirabel a uma vizinha? Ou de longas conversas nos

bancos da pracinha? Que histórias podem ser contadas e que revelam movimentos de ruptura e quebra das formas cristalizadas de vida, que no encontro com o que difere produz estranhamento, medo e recusa a experimentação? Que movimentos desmancham os estigmas e criam outras possibilidades de compor o cenário da cidade? Quais histórias a cidade de Cariacica conta sobre o processo de desospitalização da loucura em seus espaços?

Importante enfatizar que desinstitucionalizar não equivale a desospitalizar. Essa envolve experiências outras de vida, bem como diversos atores extra-manicomial, como os serviços de saúde, as políticas culturais, as instâncias educacionais, entre outros. Desinstitucionalizar é romper com as barreiras instituídas, possibilitando que diferentes modos de vida sejam capazes de existir e ser afirmados⁷.

Sendo assim, cumpre ressaltar que entendemos por instituições os sistemas de regras que constituem pessoas, grupos e organizações sociais: “produzidas pela história, as instituições acabam por aparecer como fixas e eternas, como algo dado, condição necessária e trans-histórica da vida da sociedade”⁸. As instituições são compostas pelas dimensões instituídas e instituintes que se interpenetram a todo instante. A dimensão do instituído se refere a todo um aparato de normas, valores, saberes, formas de vida, que se apresentam como estáveis e universais, numa estratégia de proporcionar certa ordem social. A dimensão instituinte, por sua vez, insiste em escapar a essas formas padronizadas: produz aberturas, bifurcações, contesta as formas cristalizadas, possibilitando a criação de outras novas formas de existência.

Receber a loucura no cerne da cidade não tem sido um processo fácil. A loucura faz chacoalhar as estruturas de uma utópica cidade padronizada e ordenada. Apegados ao mundo da previsão, da antecipação, da normalidade, de formas enrijecidas, ao nos depararmos com a paradoxalidade que o trânsito pela cidade provoca, em especial pela entrada da loucura pelos arredores da cidade, o estranhamento e temor aterroriza o cidadão que vê dissipar a confortável “estabilidade de si e da conquistada identidade”⁹.

⁷ Rotelli (2001).

⁸ Lourau (2004, p. 73).

⁹ Baptista (2020, p.189).

Entretanto, nas conversas na pracinha de um conjunto residencial, nas lembranças da compra de um biscoito para a vizinha ao lado, nas conversas no portão de uma casa, entre tantos outros movimentos cotidianos, a cidade de Cariacica pode contar outras histórias que não apenas de cerceamento, silêncios, indiferença e individualismos. Entendida como “campo minado”¹⁰, não há como escapar dos riscos nela presente, que abalam nosso modo de viver e de se conduzir, que podem, a qualquer momento, evocar rupturas e abalos frente aos modos de vida privados, individualizados e “normalizados”. É no cotidiano da cidade, nas experimentações, nos encontros e desencontros, nos mais ínfimos espaços que a cidade conta outras histórias.

Neste sentido, buscamos conhecer como a loucura tem sido acolhida na cidade de Cariacica a partir da abertura dos portões, ao menos físicos, do manicômio e da consequente entrada do louco em novas esferas urbanas. Afirmamos a importância da cidade como espaço de tensionamento e experimentações, moldada, construída e pautada pelas relações de poder presentes no campo social, relações essas que, ao mesmo tempo, produzem muros dos individualismos, da indiferença frente ao contato com a loucura, mas que também pode sofrer abalos nas concepções instituídas de loucura, que se manifesta a partir dos “manicômios invisíveis”¹¹, que recusam e evitam modos outros de vida.

Vislumbrando conhecer essas histórias de experiências da cidade de Cariacica com a loucura, a pesquisa se apoiou em procedimentos da História Oral, sob a perspectiva de Alessandro Portelli. Há, nas fontes orais, singular importância, não como meras substitutas ou pouco confiáveis para casos em que não existem documentos escritos disponíveis. Mas, entre outros aspectos, as fontes orais têm sua importância por trazer à cena aquilo que as pessoas experienciam em processos sócio históricos - o que, sem dúvida, tem igualmente uma história singular.

A partir disso, apostamos em um movimento de avizinhamo de experiências, confiando na sua capacidade transformadora, afirmando que um pesquisador avizinhado, achegado, aproximado, faz parte da história que conta e que sozinho tem uma visão empobrecida de uma determinada realidade, sendo de fundamental

¹⁰ Baptista, Candido e Ávila (2020).

¹¹ Pelbart (1990).

importância que outros discursos sejam convidados para compor e participarem do contar história¹². Avizinhar de experiências é, portanto, partilhamento mútuo, tecitura de redes de afetos que possibilitem outros modos de nos relacionarmos com a loucura que habita os espaços da cidade.

Foram realizadas entrevistas com moradores e profissionais da saúde que vivenciaram (e ainda vivenciam) o processo decorrente da desinstitucionalização psiquiátrica no “Conjunto Residencial Santana”, localizado em Santana, na cidade de Cariacica. Almejamos reunir as histórias narradas a fim de compor um único texto, construído com a pluralidade de vozes que o compõem, uma vez que, em cada narrativa, não está presente apenas a voz daqueles e daquelas que falam, mas uma pluralidade de vozes, que também falam através destas. Portanto, a memória tem uma história, é, de certo, uma instituição, resistindo às cristalizações do instituído e desencadeando novos modos de vida, reinventando o que pode ser lembrado e, inclusive, comemorado¹³.

O que nos conta a cidade?

¹² Portelli (1997).

¹³ Portelli (1997).

2 TENTANDO APRENDER UM POUQUINHO: HISTÓRIA ORAL E AVIZINHAMENTO COMO APOIO METODOLÓGICO

Uma experiência é alguma coisa que fazemos inteiramente sós, mas só podemos fazê-la na medida em que escapará à pura subjetividade, em que outros poderão, não digo retomá-la exatamente, mas, ao menos, cruzá-la e atravessá-la de novo.¹⁴

A noção de experiência é aqui entendida como “qualquer coisa de que se sai transformado”¹⁵. Afirmando essa perspectiva, a experiência tem a potência de nos arrancar de nós mesmos e, nesse processo, já não podemos ser mais os mesmos, somos levados a um aniquilamento, dissolução daquilo que éramos para nos levarmos a sermos outra coisa que, de certo, ainda não sabemos de antemão¹⁶.

A experiência é um processo que, mesmo se fazendo sozinho, só pode ser feita “na medida em que escapará à pura subjetividade”¹⁷. Ou seja, é preciso que a experiência ao ser escrita, seja num livro, ou numa dissertação, por exemplo, possa permitir transformações para além do próprio pesquisador/escritor, “mas que possa ter certo valor, certo caráter acessível para outros, que essa experiência possa ser feita pelos outros”¹⁸.

Meu problema era de fazer eu mesmo, e de convidar os outros a fazerem comigo, através de um conteúdo histórico determinado, uma experiência do que somos, do que é não apenas nosso passado, mas também nosso presente, uma experiência de nossa modernidade de tal forma que saíssemos transformados. O que significa que, ao final do livro, pudéssemos estabelecer relações novas com o que está em questão: que eu, que escrevi o livro¹⁹, e aqueles que o leram tivéssemos em relação à loucura, ao seu status contemporâneo e à sua história no mundo moderno um outro relacionamento²⁰.

As inquietações que surgiram a partir das experiências com a loucura vivenciadas no conjunto residencial no município de Cariacica-ES dispararam a realização dessa pesquisa. Experiências que ao serem vivenciadas foram produzindo outros modos de se relacionar com a loucura que habita os espaços da cidade, que possibilitaram, ainda que em breves lampejos, quebras aos modos enrijecidos de vida, aos silenciamentos e à indiferença. Logo, o que se pretendeu nesta pesquisa foi trazer

¹⁴ Foucault (2010, p. 295)

¹⁵ Foucault (2010, p.289).

¹⁶ Foucault (2010).

¹⁷ Foucault (2010, p.295).

¹⁸ Foucault (2010, p.294-295).

¹⁹ Foucault faz referência a sua obra A História da Loucura.

²⁰ Foucault (2010, p. 292)

experiências que transformem, ou seja, experiências que nos arranquem de nós mesmos e que possibilitem estabelecer novas relações, aberturas a experimentações com a loucura.

O intuito inicial da pesquisa era trazer essas histórias a partir do convívio no Conjunto Residencial Santana. Entretanto, no ano de 2020, o mundo se deparou com um acontecimento: a pandemia mundial pelo novo Coronavírus (SARS-COV-2)²¹.

Planos, expectativas, sonhos, entre tantas outras coisas, precisaram ser repensados e adaptados. O tão acostumado e aparente mundo moderno, organizado, calculado e racional, feito para evitar e corrigir os erros, abalou-se, ecoou-se um silêncio das cidades. As casas se dividiram em múltiplos espaços: escritórios, parquinhos para crianças, academias, salas de aula, entre tantos outros. Iniciou-se uma série de prescrições para o cuidado frente ao vírus que se espalhava cada vez mais pelo mundo. No Brasil, no momento em que a pesquisa teria início, houve um aumento preocupante do número de infectados e de mortos pela doença e os sentimentos de desesperança e incertezas pareciam nos engolir e imobilizar.

Nas breves e raras andanças pela cidade de Cariacica, nas rápidas idas ao supermercado, uma mistura de rostos nus e mascarados compunham as ruas da cidade, além daqueles que insistem em desacreditar da situação vivenciada num país que soma, hoje, mais de 600 mil mortes. Frente ao pedido “fique em casa”, divulgada por todos os canais de mídia, com o propósito de cuidado e não transmissão do vírus, nos breves trânsitos pela cidade, nos chocamos com a paradoxalidade da urbe: a de que nem todos tem a possibilidade de ter um lar para ficar, falta assistência, para muitos e a rua se tornou casa, uma vez que faltam abrigos.

Na cidade pandêmica, evita-se o vírus, o contato, o acaso, os imprevistos. A cidade pandêmica tem medo, as grades chumbadas nas janelas aumentaram numa tentativa de acalmar os corações temerosos do que pode vir de fora. Esse outro, a um metro de distância, pode ser um fervoroso aliado, mas também pode se tornar um inimigo. A cidade escancara a política do fazer viver e deixar morrer, uma biopolítica²² que

²¹ Abreviação do nome científico Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus. A doença tem sintomas iniciais muito parecidos com a gripe, mas em alguns casos pode desenvolver para uma síndrome respiratória aguda, que necessita de cuidados mais intensivos.

²² Foucault (2005).

opera no mundo antes mesmo da eclosão da pandemia. Nos canais de informação ela está presente nos discursos de certos representantes do governo, nas notícias ao afirmar que a vida é para alguns e não para todos, na escolha de uns e não de outros.

Entre o mar revolto dos silêncios que parecem imperar nas ruas da Cariacica pandêmica, a vida insiste e vai exibindo, mesmo que em cada ínfimo espaço dessa cidade, sua potência criadora, cores preenchem o céu da cidade e hoje cores das pipas que há tanto tempo não se via. Na rua, no campinho, no terraço das residências, jovens, crianças, pais e filhos, pessoas de várias idades, juntam-se, compram suas pipas e, apesar dos anos, mostram o quão bem ainda sabem fazer uma rabiola e “aparar uma raia”²³. Os gritos e risadas das crianças ao brincarem de bola nas ruas vai dissolvendo o eco do silêncio. Transitar pelas ruas barulhentas do bairro Itacibá, com seu céu repleto de pipas, faz retornar memórias de infâncias, sentir vida, sentir que Cariacica conta outras histórias.

A cidade, portanto, conta outras histórias, e foi pensando nessa máxima que, frente às medidas de proteção e cuidado em prol da não disseminação e contágio pelo vírus, algumas questões surgiram: como acessar os dizeres da cidade? Como trazer essas experiências, essas histórias que estão sendo contadas e tecendo uma rede²⁴ de afetações que transversalize e pode produzir modos outros de relações com a loucura? Fomos tentando algumas alternativas: encontros rápidos nos momentos em que era necessário sair às ruas, conversas online com alguns atores dessas histórias sobre a loucura na cidade, e, também, o retomar de algumas lembranças como moradora de Cariacica, foram algumas delas.

O encontro com Alessandro Portelli e suas formulações sobre a História Oral foram essenciais no fazer dessa pesquisa. Em História Oral, as fontes orais têm

²³ Utiliza-se a expressão “aparar uma raia”, para fazer referência ao processo no qual se utiliza a própria linha da pipa para cortar a linha do adversário e conseguir pegar a pipa dele e trazer para si, a forma mais fácil é tentar produzir uma espécie de “X” com a pipa no céu para fazer o corte e conseguir amarrar a pipa do adversário a sua própria pipa.

²⁴ Trazemos a noção de rede a partir do conceito desenvolvido pelo médico Ricardo Teixeira (2005). Para o autor, uma rede se constrói coletivamente e de modo compartilhado. Podemos pensar, por exemplo, nos serviços de saúde do Sistema Único de Saúde como grandes redes de conversação, redes que produzem redes, ou seja, para cada serviço, um encontro acontece, e esses encontros nesses serviços, que fazem os pontos da rede, fazem ela mesma diferir e crescer para muitos lados. Logo, uma rede é uma multiplicidade conectada, com várias linhas que se conectam e em cada encontro, em cada passagem por esses pontos, mudanças são operadas, outros caminhos vão se produzindo, novas relações se construindo.

fundamental importância na construção de uma pesquisa, por exemplo, uma vez que trazem à tona aquilo que as pessoas experienciam em processos sócio históricos. Essas experiências emergem a partir de memórias, de relatos repletos de uma multiplicidade de significados que nos contam “não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”²⁵.

Construída conjuntamente, o resultado das entrevistas realizadas, a partir de procedimentos da História Oral, é um produto da ação dialógica conjunta entre pesquisadora e narradores. Desse modo, trabalhar com História Oral é produzir “irrupções dessujeitadoras”²⁶. Ou seja, é deslocar o pesquisador de sua pretensa neutralidade, e os entrevistados de se transformarem em “objetos”, sujeitos às ações do pesquisador, e ampliar, ao invés de restringir, como comumente acontece, “a gama das ações possíveis por parte do outro (e de si mesmo)”²⁷.

Nessa vertente, com a História Oral criamos um dispositivo experimental, o qual denominamos de avizinhamo de experiências. Partimos de um conceito simples: avizinhar é se aproximar, aproximar ou abeirar²⁸. Entretanto, avizinhar nesta pesquisa não pode se reduzir a uma ideia de aproximação, é também se aproximar, trocar relatos repletos de sentidos, que emergem a partir da experiência com a loucura na cidade para que, então, outras tantas possam ser suscitadas.

A aposta que se fez, a partir de um movimento de avizinhamo de experiência, foi acreditar e afirmar a potência transformadora de uma experiência. É, portanto, um se aproximar que provoca a experimentação conjunta, experimentação que provoca transformações. É no avizinhamo do portão da “casa das escandalosas” para responder a um insistente cumprimento de “Bom dia”, nos bancos de uma praça para conversas cotidianas que outras histórias puderam e estão sendo contadas, que modos outros de compor a cidade com a loucura emergem, seja nas paradas para conversar sobre histórias de vida, de um animal de estimação, no compartilhar de um mirabel, entre tantas outras.

²⁵ Portelli (1997, p. 31).

²⁶ Rodrigues (2011, p. 237).

²⁷ Rodrigues (2011, p. 236).

²⁸ Ferreira (1999).

O pesquisador avizinhado, é aquele que adentra ao processo, que se aproxima e experiencia e, nesse processo, é transformado; que chama outros discursos para participar do narrar da história, que entende a necessidade e a importância dos discursos autônomos, de outras histórias para compor a pesquisa.

O narrador é agora um dos personagens e o contar da história é parte da história que está sendo contada. Isto implicitamente indica um envolvimento muito mais profundo, político e pessoal que é aquele do narrador externo. Escrever história oral radical, então, não é matéria de ideologia ou partidarismo subjetivo ou de escolher um conjunto de fontes no lugar do outro. Está, com mais razão, inerente na presença do historiador na história, no assumir a responsabilidade que o inscreve ou a inscreve no relato e revela a historiografia como ato autônomo de narração. As escolhas políticas se tornam menos visíveis e vocais, porém mais básicas²⁹.

Desse modo, resolvemos apostar na memória dos cidadãos cariaticuenses como espaço de criação de sentidos dessa experiência com a loucura, memória como espaço de lutas, atravessada por dispositivos de saber, poder e subjetivação, afinal, a memória do homem é também memória da cidade³⁰. Assim, recordar não diz respeito apenas ao passado, mas também ao presente, uma vez que recordar é uma atividade do presente, ainda que os narradores estejam contando uma história do passado³¹.

É agora que recordamos, é hoje que falamos do passado, que contamos o passado. E a memória não é só um espelho de fatos, mas um fato histórico: a própria memória é um fato histórico em si. Não há apenas uma memória da história, há também uma história da memória: como muda, no curso do tempo, a maneira de recordar fatos históricos³².

Assim, foram realizadas entrevistas com moradores e profissionais de saúde que experienciaram (e ainda experienciam) o processo decorrente da desinstitucionalização da loucura na cidade de Cariacica-ES, a partir do Conjunto Residencial Santana. Procuramos nos avizinhar das experiências construídas a partir das constantes experimentações desse processo no intuito de tecer uma rede de experiências que possa produzir experimentações que desmanchem as cristalizações da memória. Ou seja, que possam produzir outros modos de se relacionar com a loucura que não pelo medo, silêncio, indiferença e recusa à experimentação, mas abertura às experimentações que permitam nos deslocar dos modos enrijecidos de

²⁹ Portelli (2010, p. 38)

³⁰ Portelli (1997); Rodrigues (2005).

³¹ Portelli (2010).

³² Portelli (2010, p. 11)

compor a cidade, produzindo outras relações com a loucura, seja a partir da compra de um biscoito, de conversas na pracinha, na fila da lotérica, entre tantas histórias que podem surgir a partir daquilo que não mais seremos.

Desse modo, o que buscamos, e não é pouco, foi convidar aqueles que leem esse trabalho a viver junto as histórias de experiências aqui narradas e deixá-las emergir.

Agora, cumpre apresentar os narradores³³ de experiências que tornaram possível a construção dessa rede de memórias sobre o processo de desinstitucionalização da loucura na cidade de Cariacica:

- a) Renato Vieira, ex-diretor do Hospital Adauto Botelho;
- b) Eduardo Torres, ex-coordenador do Centro de Atenção Psicossocial Moxuara;
- c) Morador do Conjunto Residencial de Santana e secretário do centro comunitário;
- d) Tassyla Favarato, psicóloga que trabalhou no Instituto Vida e Saúde, empresa hoje responsável pela gestão dos Serviços Residências Terapêuticas no estado do Espírito Santo.

Muitas vezes o sigilo nas pesquisas em ciências humanas acaba por ocultar aqueles que desejam participar ativamente da história que se conta³⁴. Desse modo, ao afirmarmos uma história que se constrói conjuntamente, optamos por revelar – fundamentado em uma decisão conjunta - aqueles que possibilitaram que essa pesquisa fosse possível a partir do contar de suas experiências. Aquele que por vontade própria desejou ter sua identidade ocultada, foi respeitado.

Ouso dizer que não compõem este trabalho apenas as cinco vozes (minha e dos quatro narradores), mas múltiplas vozes, que vão se presentificar na escrita de um único texto. Afinal, o discurso na História Oral é carregado por uma “multidão de

³³ Ao ler e discutir o projeto de pesquisa no grupo de pesquisa e estudos NEPEP-PFIST, o qual a faço parte, a indicação e o contato com os participantes se deu como uma “bola de neve”. Alguns membros do grupo indicaram possíveis participantes e aqueles indivíduos indicados foram indicando novos participantes que consideraram importantes para compor a pesquisa (ALVES, 1991). Apesar da riqueza, importância e desejo para entrevistar todos os indicados, uma vez que sabemos da infinidade das fontes orais, nos contentamos com o pouquinho que aprendemos no limite que pudemos aprender para a escrita dessa dissertação. Importante enfatizar, que se contentar com o pouco que aprendeu nunca é deixar de continuar buscando informações (PORTELLI, 2010).

³⁴ Despret (2011).

autores”, uma vez que os integrantes deste trabalho não são apenas os que falaram, mas todos os que estiveram presentes também nas narrativas³⁵.

As histórias de experiências aqui escritas é um “pouquinho”³⁶ do que conseguimos aprender do processo de encontro (ou melhor, reencontro) da cidade de Cariacica com a loucura, histórias que vão preenchendo cada linha desse trabalho. Cumpre enfatizar que falar em uma pesquisa que buscou aprender um “pouquinho” não deve ser entendido de uma forma desqualificadora e, sim, que dada a infinidade de histórias sobre uma realidade, torna-se um equívoco achar que conseguiremos conhecer a sua totalidade em nossas pesquisas. Desse modo, nos contentamos com o “pouco” que conseguimos e que os entrevistados gentilmente se dispuseram a contar, não no intuito de colocar um ponto final na história, mas afirmando uma história que se constrói enquanto contada³⁷.

O desejo é que possamos nos avizinhar das memórias aqui transcritas no intuito de conhecer e nos transformar; sair de nós mesmos para que outras formas de existência e composições na urbe possam emergir; que quebras aos territórios estáveis possam ocorrer; que possamos nos contaminar com as memórias dessa Cariacica entendida como “campo minado”, produzindo outras relações possíveis, contar outras histórias. Na cidade algo sempre pode acontecer, e acontece.

³⁵ Portelli (2010, p. 9).

³⁶ Portelli (1997).

³⁷ Portelli (1997).

3 CONHECENDO O TERRITÓRIO DE CARIACICA³⁸

*Cariacica amada de grande valor,
Cariacica tu és esplendor!
Tens povo forte e de bom coração,
De tuas riquezas vem admiração.
Mochuara símbolo da cidade,
Sua imponência é por todos avistada
Preservado pelo seu patrimônio ambiental
Tens a beleza incondicional.
Da sua gente, ó terra amada,
Surge a cultura tão diversificada.
Da força do negro, italiano e alemão
Vêm a cultura e sua tradição.
Salve terra de Cariacica
Do desenvolvimento e áreas rurais
Acolhendo quem chega e aqui fica
Com seus vales, rios e manguezais!
(Cariacica em versos, Cinthia Pretti, 2017)*

Pesquisar um território é estar atento aos seus processos de singularização e às guerrilhas micropolíticas³⁹ que nele ocorrem. Quando falamos em território estamos nos referindo a um espaço de “disputas políticas de força”, embate entre poder e potência, que se atualizam de modo singular em cada lugar⁴⁰.

Vale ressaltar que poder é aqui entendido como aquilo que não é propriedade de alguém ou de um grupo, mas são relações de força, sempre móveis, que implicam resistência e, nesse sentido, produzem realidades e regimes de verdade. “Por mais finos que sejam os capilares da rede social a que chegemos, encontraremos o poder, não como algo possuído por alguém, mas como algo que passa, se efetua e se

³⁸ Professores e historiadores em entrevista realizadas pelo jornal A Gazeta (2018), afirmam que a cidade traz em sua história muitos significados. Devido a quantidade de mangues presentes no município, que quando a maré estava baixa fazia o barro secar, a cidade passou a ser, provocativamente chamada, principalmente, pelos moradores dos municípios de Vitória e Vila Velha, de “bosta seca” ou “merda seca”. Entretanto, os nomes e significados da cidade não param apenas nessa definição. O nome da cidade vem do tupi que significa Acari-assyca, que significa “pedaço de acari”, um peixe de água doce. Já em outras definições o nome da cidade tem por significado carie ou carie que significa “estrangeiro ou estranho” e cica “que parece que chega de fora”. Procurados pelo jornal, a Prefeitura Municipal de Cariacica, informou ainda que o nome da cidade vem de Cari-jaci-caá, que traduzido significa “chegada do homem branco”. A cidade faz parte da região metropolitana da Grande Vitória, que compreende os municípios de Vitória, Cariacica, Viana, Vila Velha, Serra, Guarapari e Fundão. Possui um território de 279,718 km² de extensão, e no último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa a população da cidade marcava em 348.738 mil pessoas (IBGE, 2010), com estimativa de 386.495 mil pessoas para o ano de 2021.

³⁹ Quando falamos em micropolíticas, falamos de movimentos cotidianos, “embates minúsculos e intensos, enfrentamentos moleculares, contendas concretas, dentre outras, entre o poder sobre a vida e o poder da vida” (MIZOGUCHI, 2007, p. 48). Nesse movimento, criações e desmanches estão sempre suscetíveis de acontecer, a cidade é campo dessas lutas micropolíticas, práticas e relações de poder instituídas são confrontadas, desmanchadas, recriadas.

⁴⁰ Mizoguchi (2007, p. 18).

exerce⁴¹. Sendo assim, é sempre uma microfísica do poder com suas instâncias, táticas e estratégias que vão produzir discursos, verdades, é nessa rede “que algo como o indivíduo, a coletividade, a instituição aparece”⁴².

Figura 15: "Não se indigne por causa das injustiças. A pior injustiça está em cometê-las" - Pichação no muro da Vale.



Fonte: Monecchi, 2021. Fotografia digital.

Desse modo, falar de Cariacica é falar de um território atravessado por relações de poder que se modificam e se atualizam ao longo do tempo de modo singular. Um território, por muitos, considerado como abandonado, desordenado, “terra de ninguém”. Território que nos seus ínfimos espaços se efetivam potentes guerrilhas micropolíticas que permitem que outras histórias sejam contadas. Que especificidades podemos indicar nesse território Cariacica? Que movimentos se destacam?

⁴¹ Foucault (2015, p. 207).

⁴² Foucault (2006, p.19-20).

Preferimos, caminhando ao contrário de uma correnteza que apenas afirma o que falta na cidade, falar das belezas e da cultura do congo presentes no corpo e na história do povo de Cariacica. Na cidade é encontrado um dos maiores pontos turísticos do estado, o Mochuara⁴³ e, também, a Reserva Biológica de Duas Bocas⁴⁴ com sua rica e diversificada fauna de espécies raras.

Figura 16: Parque Municipal Mochuara



Fonte: Prefeitura de Cariacica

⁴³ Sobre o Mochuara, ver: www.cariacica.es.gov.br/cultura , acesso: 05/09/2021

⁴⁴ Criada como reserva florestal em 1965 e transformada em reserva biológica em 1991, a represa situada no bairro de Duas Bocas, já foi utilizada como fonte de abastecimento de água para o município de Vitória-ES. Sobre a reserva de Duas Bocas, ver: www.cariacica.es.gov.br/cultura, acesso 05/09/2021

Figura 17: Reserva Biológica de Duas Bocas



Fonte: Prefeitura de Cariacica

A cidade carrega a cultura do Carnaval do congo de máscaras, uma tradição de décadas. Por anos, essa festividade era realizada por negros escravizados que haviam fugido - e por não conseguirem chegar à Festa da Penha, localizada no município de Vila Velha, devido às dificuldades nos percursos nas matas - comemoravam em Cariacica, cantando, dançando e tocando tambores e casacas enquanto passavam por cada residência⁴⁵.

⁴⁵ Cariacica (2019).

Figura 18: Carnaval do Congo



Fonte: Prefeitura de Cariacica.

Essa festa presente na cultura da cidade carrega em suas máscaras, tambores, músicas, entre outros aparatos e instrumentos, histórias de muitas lutas e resistência daqueles que por aqui residiram. Os mestres do congo contam que as máscaras serviam para que os negros não fossem identificados pelos senhores de terra que os escravizavam. Eles se cobriam por todo o corpo e saíam para aproveitar o Carnaval do congo e a Festa da Penha sem que fossem reconhecidos ⁴⁶.

O distrito de Cariacica – nesse cenário de força e resistência - no século XIX abrigava mais pessoas morando em quilombos quando se comparado às fazendas dos senhores de terra. Isso, revela as intensas batalhas travadas daqueles que aqui residiram em prol de liberdade e de manter viva suas tradições⁴⁷.

O município de Cariacica surge a partir do decreto provincial nº 5 de 16 de dezembro de 1837, que elevou a região à freguesia, passando a ser denominada de Distrito de São João Batista de Cariacica⁴⁸.

⁴⁶ Cariacica (2019).

⁴⁷ Oliveira (2016) apud Santos (2019).

⁴⁸ Bezerra (2009).

Com o tempo, a população do município foi aumentando, culminando na elevação à categoria de Vila, a partir do decreto Estadual nº 57 de 25 de novembro de 1889, assinado pelo então governador do estado Constante Sodré. Assim, o município passa a ser denominado Vila de São João Batista de Cariacica.

É somente no dia 02 de março de 1938, com a lei geográfica do estado novo - que estabelecia aos governantes a marcação do seu panorama regional - que Cariacica é considerada como cidade⁴⁹.

A construção de dois portos em Cariacica - Porto velho e o Porto de Cariacica (Sede) -, da estrada de ferro Vitória-a-Minas (1904) e também da Ponte Florentino Avidos em 1928 - ligando Cariacica a Vitória – contribuíram para expansão urbana, quando ocorreu a migração da população que se configurava, majoritariamente, em áreas rurais para ocupar outros postos de trabalho, como por exemplo, no comércio e no transporte de mercadorias⁵⁰.

A chegada de indústrias no território se deu em 1942, com a instalação da Companhia Vale do Rio Doce, hoje conhecida como Vale. Já em 1983 foi instalada a antiga Companhia Siderúrgica de Tubarão, hoje Arcelor Mittal. Isso propiciou um *boom* migratório na cidade a partir das décadas de 70 e 80, uma vez que essas empresas absorveram uma grande quantidade de pessoas de todas as partes do Brasil para trabalhar em seu processo de instalação. Entretanto, após a finalização, muitas pessoas acabaram ficando sem emprego devido a necessidade de mão-de-obra especializada⁵¹.

Com a instalação dessas empresas na cidade, em especial a Vale do Rio Doce - visto que efetua atividades do gênero de transportes (especialmente de minério de ferro) - ocorreu a expansão de trechos territoriais para o município, o que também foi um atrativo para outras empresas. Como exemplos temos a BR-262 que proporciona acesso à Belo Horizonte; a BR-101- Sul que liga Espírito Santo ao Rio de Janeiro; e a criação, em 1962, da rodovia José Sete, que ligava Vitória à Sede de Cariacica com

⁴⁹ IJSN (1984).

⁵⁰ Bruce (2007) apud Santos (2019); IJSN (1984).

⁵¹ Oliveira (2010) apud Santos (2019).

a BR-262. Além disso, vários aglomerados foram sendo criados, o que culminou na existência de bairros como Sotema, Itaquari, Itacibá e outros⁵².

Portanto, a desaceleração industrial ocorrida no município de Cariacica, a partir da década de 1970, culminou na absorção de grande parte da população em outros setores da economia local através dos setores de serviços, ou a migração - com foco no trabalho - para outros municípios da Grande Vitória. Essa migração fez com que a cidade de Cariacica ficasse conhecida como município dormitório. Além disso, muitas pessoas tentaram migrar para o centro de Vitória para facilitar o acesso ao trabalho. Aqueles que não tiveram condições de se instalar em outros territórios foram se estabelecendo em loteamentos - sem água, luz, transporte ou rede de esgoto - como Porto de Santana, Flexal e Rio Marinho⁵³.

Fruto do processo de colonização no Brasil, a cidade de Cariacica, por décadas, teve em sua gestão administrativa uma política ligada ao coronelismo, patrimonialismo e clientelismo. Era comum a prática de nepotismo na cidade, ou seja, a entrada de parentes e familiares para admissão em cargos públicos. Durante anos eram frequentes as denúncias de corrupção e fraude em concursos para provimento de cargos da Prefeitura Municipal de Cariacica e da Câmara Municipal⁵⁴.

Até meados dos anos 2000 foram muitas as inconstâncias na ocupação dos cargos políticos, em especial do cargo de prefeito do município, em que muitos não chegaram nem ao primeiro ano de mandato. Além disso, era muito comum os assassinatos de prefeitos, irregularidades administrativas e acusações de corrupção que levavam ao afastamento da Câmara Municipal⁵⁵.

O sistema municipal de ensino da cidade, por exemplo, foi bastante afetado pela prática de clientelismo.

A prática de clientelismo político foi muito recorrente no âmbito do sistema municipal de ensino. Uma vez que este não tinha nenhuma regulamentação por parte da municipalidade, abriam-se precedentes para o uso particularista da máquina pública. Nesse sentido, os postos de trabalho relativos ao sistema de ensino para a função de professor, diretor, funcionários de

⁵² IJSN (1984).

⁵³ IJSN (1984).

⁵⁴ Bayer (2017)

⁵⁵ Bayer (2017).

atividades gerais se transformavam em moeda de troca pelos ocupantes do legislativo e do executivo, que trocavam estas funções por votos⁵⁶.

Essas práticas, que permaneceram na gestão do município por muitos anos, incidiram diretamente no modo de funcionamento do município, os serviços públicos beneficiavam, principalmente, os grupos no poder e os cargos públicos acomodavam parentes e amigos pessoais, ou seja, bem público a serviço do bem privado. Logo, o desenvolvimento de políticas públicas no âmbito econômico, social, assistencial, entre outros, não foram prioridade de projetos construídos pelos governantes municipais⁵⁷.

Esse cenário político, juntamente ao processo de desaceleração industrial no município, trouxe fortes impactos. Enquanto municípios como Serra e Vitória melhoravam estruturas administrativas, econômicas e urbanas, tornando-se centros de desenvolvimento industrial, Cariacica foi aumentando os índices de mão de obra desempregada, justamente pela performance econômica, levando aos loteamentos clandestinos, conforme explicitado⁵⁸.

Com isso, a violência, as precarizações no âmbito da mobilidade, habitação, educação, saúde, higiene, entre outras, começaram a surgir como problemas a serem enfrentados, o que levou a cidade ser considerada como o “espaço dos rejeitados”⁵⁹.

O constante descaso e planejamentos inconclusos por parte das autoridades que passaram, e passam, pela administração da cidade, as notícias de violência amplificadas pela mídia, acabou gerando um discurso sobre a cidade que se presentifica num ditado muito comum entre os moradores dali e das redondezas: “Cariacica é terra de ninguém”⁶⁰.

[...] “Terra de Ninguém”, comumente atribuída ao município, justifica-se [...] por sérios conflitos políticos. No âmbito político especialmente, deve-se considerar que, em Cariacica, durante anos, o poder municipal foi exercido por pessoas oriundas de algumas poucas famílias da região, o que reafirma a permanência de políticas coronelistas marcadas pelo descompromisso com a coisa pública, pela corrupção e pelo populismo [...]⁶¹

⁵⁶ Bayer (2017, p. 62)

⁵⁷ Bayer (2017).

⁵⁸ Bayer (2017).

⁵⁹ Bayer (2017).

⁶⁰ Gonçalves (2008, p.114) apud Oliveira (2015, p.98).

⁶¹ Aragão (2004) apud Oliveira (2015, p. 98)

Ditado que tantas vezes foi, e anda é, reproduzido por muitos habitantes da cidade. Carregado de sentidos, expressa discursos que têm por função afirmar uma cidade da desordem, da precarização, da violência, do abandono, etc.

Moradores vêm lutando pelo asfaltamento de algumas ruas. Contudo, isso nunca aconteceu, uma vez que nelas residem pessoas ligadas às políticas do município e, pela forte influência e disputas políticas, conseguem frear qualquer movimentação da prefeitura. No entanto, os moradores não desistiram e pelos murmúrios nas ruas era possível ouvir falas indignadas, lampejos de resistência: “Ele acha que a rua é dele, a rua é nossa”. Resistentes, continuaram insistindo, votando em candidatos que se comprometessem a asfaltar algumas ruas. Entre promessas e mais promessas, os habitantes conseguiram que a prefeitura iniciasse o processo de asfaltamento, contudo, este processo foi interrompido. A rua continua dividida, entre pedrinhas e um pedaço de asfalto. Esse pequeno pedaço de asfalto, apesar de inconcluso, expressa resistência, mesmo que ínfima, de enfrentamento às práticas coronelistas na política da cidade. Um pequeno pedaço de asfalto que expressa uma das tantas guerrilhas micropolíticas dessa cidade, guerrilhas que estão em constante atualização: a luta pelo asfaltamento continua, nunca cessou.

Pesquisar essa cidade foi um grande desafio, uma vez que a memória marcada por um discurso de um território abandonado, excluído, precarizado e violento, dificultava associar as memórias alegres e de lutas que foram possíveis vivenciar no município.

Nessa cidade, “terra de ninguém”, os cidadãos lutam, resistem desde as primeiras ocupações no território. Cariacica carrega a potência de contar outras histórias para além daquelas iluminadas sobre as luzes da razão, que acabam por produzir discursos de verdade que se apresentam como “naturais”, “inerentes” à história de um território. A cidade sempre conta outras histórias, e ela só serve se puder contar outras histórias⁶². A cidade, entendida como campo minado, escancara os jogos de força que a atravessam, criam e desmancham histórias, nela algo poderá acontecer, já está acontecendo ⁶³.

⁶² Baptista (2019).

⁶³ Baptista (2019); Baptista, Candido e Avila (2020).

Nessa Cariacica-campo minado, algo já está acontecendo nos mais minúsculos espaços dessa urbe, outras histórias de resistências estão sendo contadas. Histórias das lutas cotidianas dos coletivos de juventude negra, por exemplo. Os coletivos de juventude negra estão espalhados pela cidade, distribuídos pelos bairros como Flexal I e II, Nova Rosa da Penha, Itaenga, entre tantos outros, e possuem grande importância para os jovens do município. É através dos movimentos e encontros realizados que muitos jovens têm visto a possibilidade de mudar realidades instituídas, contando outras histórias que não apenas àquelas de guerras, tráfico ou morte⁶⁴.

Utilizando da arte, da música, do funk e do rap, os coletivos:

[...] se juntam para produzir pautas reivindicatórias por direitos que lhes são negados, e ocupam os espaços abertos com as múltiplas vozes da comunidade como forma de tentar se desvincular dos movimentos instituídos, mas que não significa o salvo-conduto de possíveis capturas no encadeamento das suas lutas. Desse modo, ao contestar situações de exclusão e inventar alternativas coletivizadas de lutas contra práticas que precarizam sua condição de existência, a juventude aquece redes que impulsionam formas de colaboração entre si, transgredindo regimes opressores imputados à sua vida⁶⁵

As movimentações da juventude que têm surgido nas periferias mostram a luta para habitar e desfrutar os espaços que vivem, vozes que se levantam contra as práticas racistas que constantemente querem silenciá-las. Em Itacibá, uma vez por semana, um grupo de jovens, em sua maioria negros, se reúne em uma pequena praça em frente a um supermercado para realizarem suas batalhas de rimas, como assim são chamadas. O movimento parece ser novo no bairro, mas já conta com um número grande de participantes, que se mantêm fortes frente aos olhares e murmúrios de intolerância, que evocam práticas e discursos racistas enraizados na sociedade brasileira. A alegria de estarem dividindo aquele espaço, suas experiências de vida em forma de rima, entre tantas outras experiências, produzem força para a afirmação de uma vida antirracista na cidade.

Nos espaços, em especial nas periferias, em que se acredita que não haja histórias a serem contadas além das que envolvem morte, violência, tráfico e criminalização, os jovens negros continuam “sendo alvo da criminalização de seus movimentos pela

⁶⁴ Santos (2019).

⁶⁵ Santos (2019, p. 52-53)

polícia, pela igreja, pelo tráfico e pela mídia de massa. Mas nem por isso deixam de atuar em seus territórios”⁶⁶. A vida resiste, a vida insiste.

O exercício de resistência é afirmação da potência de ação que constitui o vivo. Diz respeito a processos anônimos e imprevisíveis, centelha de instabilidade que tecem outros modos de existência. Resistir, como reexistência, é criar modos de agir que afirmem a inesgotável potência de criação que compõe o vivo⁶⁷.

De certo, as batalhas a serem travadas são infindáveis, tendo em vista as incessantes tentativas de desmanche de políticas públicas⁶⁸ de saúde, educação, assistência social. São incansáveis as tentativas de forças racistas, conservadoras, homofóbicas, entre outras, que tentam regular, controlar, aprisionar e até mesmo matar certas vidas. Mas é no cotidiano, nas lutas diárias que encontramos a força para desfazer histórias instituídas. É no cotidiano que outras políticas podem ser implementadas no município, que outras histórias podem ser contadas.

A cidade tem movimento políticos importantes, projetos sociais, em especial na área da educação, com a criação e ampliação de unidades de ensino e implementação de uma gestão democrática com a administração do Partido dos Trabalhadores em 2005 que deu força a muitos desses movimentos. Transformações aconteceram como “a criação de concursos e do plano de carreira para os profissionais do magistério e documentos importantes que orientam e normatizam ações educativas da municipalidade, antes quase inexistentes”⁶⁹.

Profissionais da saúde, estudantes, professores, gestores, entre tantos outros, têm lutado a favor de melhorias e condições de trabalho, lutado contra as precarizações de trabalho e constantes tentativas de terceirização no âmbito da educação e da

⁶⁶ Santos (2019, p. 76).

⁶⁷ Heckert (2014, p. 477)

⁶⁸ Por política pública entende-se aquela em que há participação dos sujeitos na sua elaboração, planejamento, execução até o monitoramento. É construída e definida a partir das lutas coletivas e envolve interesses de diferentes dimensões da sociedade. Quando se fala de uma dimensão pública de uma política fala-se de uma dimensão que “se atualiza como rede de relações multivetorializadas, exige interferências, transversalidade, cogestão e inclui sujeitos com necessidades, demandas”. As políticas públicas, portanto, são guiadas “por um modo de funcionamento capaz de indicar as singularidades para fora da ordem de serialidade e do unidimensionamento, e está além do Estado” (BARROS; PIMENTEL, 2012, p. 11).

⁶⁹ Pinto (2013) apud Oliveira (2015, p. 99).

saúde, como é o caso da terceirização do Pronto Atendimento do trevo do bairro de Alto Laje⁷⁰.

No momento, o cenário mudou bastante. As administrações que vieram depois têm aproveitado o momento de pandemia para deixar a “boiada passar⁷¹”, fazendo políticas conservadoras, descompromissadas com as questões e demandas sociais, beneficiando parcela da elite nacional. Movimentos em Cariacica têm enfrentado essas tentativas, lutando por políticas aliançadas com as questões sociais que proporcionem saúde, educação e assistência, uma vida digna para todos e qualquer um.

A partir de reuniões virtuais, manifestando-se por intermédio de meios eletrônicos como jornais e as redes sociais (*Facebook, Instagram* e outras), os profissionais e estudantes se organizam criando pautas reivindicatórias, movimentando atos públicos em prol da defesa de políticas públicas que foram conquistadas com tanta luta.

[...] os equipamentos públicos existentes em Cariacica, os avanços na melhoria nas condições de infraestrutura urbana, dentre outras questões, são frutos de muitas lutas da população que reside neste município. Se a história de precarização das condições de vida é intensa e extensa, não menos interna e potente é a ação dos diversos movimentos sociais e coletivos nesta cidade ⁷².

Para compreender um pouco do que Cariacica vive hoje, é necessário fazer uma retrospectiva de como se deu a organização política nos últimos anos. Em 2005 o município de Cariacica, a partir do governo de Helder Salomão (PT)⁷³ - reeleito em 2009 - recebeu uma administração contrária às práticas clientelistas que tanto estiveram presentes no município. No período de 2005 a 2012 em que esse modelo de gestão permaneceu no município, a cidade teve uma política que buscava se fazer pública, trazendo importantes projetos, em especial para a área da educação, com a

⁷⁰ Século Diário (2019).

⁷¹ Referência a fala do então ministro do meio ambiente Ricardo Salles, que utilizou dessa expressão para aconselhar o então governo atual, de aproveitar o contexto da pandemia pela Covid-19 e “fazer uma ‘baciada’ de mudanças nas regras ligadas à proteção ambiental e à área de agricultura e evitar críticas e processos na justiça (G1, 2020, s/p).

⁷² Heckert et al (2020, p. 170)

⁷³ Partido dos Trabalhadores.

criação e ampliação de unidades de ensino e mudanças na gestão educacional do município⁷⁴.

Destaca-se “a criação de concursos e do plano de carreira para os profissionais do magistério e documentos que orientam e normatizam as ações educativas da municipalidade, antes quase inexistentes”⁷⁵. Dentre esses movimentos, cabe ainda salientar, que em 10 de janeiro de 2006 o município estabelece a legislação municipal, Lei nº 4373⁷⁶, que implementa o sistema municipal de ensino de Cariacica, instituindo uma gestão democrática no ensino e o atendimento especializado aos portadores de necessidades educacionais especiais em ensino regular.

Em 2012, o vice-prefeito de Helder Salomão, Geraldo Luzia de Oliveira Júnior, conhecido como Juninho (CIDADANIA), rompe com o então prefeito e se candidata ao cargo de prefeito da cidade. Juninho, eleito neste mesmo ano e reeleito em 2016, foi um dos prefeitos mais votados da história da cidade⁷⁷. Apesar de ter afirmado que daria continuidade à gestão de Helder Salomão, isso não ocorreu, principalmente em seu segundo mandato, que se encerrou no ano de 2020.

Além disso, os profissionais da saúde do município têm alegado falta de concursos públicos, restrição de espaços para atendimento da população e constante terceirização dos serviços de saúde⁷⁸.

No âmbito da educação, a formação de professores e estudantes, que têm ocorrido através do Programa Escola Mais Cariacica, tem se dado também por iniciativas privadas, sem qualquer diálogo com aqueles que estão na escola, além da distribuição de livros didáticos que fogem da realidade dos estudantes da rede de ensino público da cidade.

Em 2021 assumiu a gestão da cidade o prefeito Euclério Sampaio (DEM)⁷⁹, que tem uma longa história na Assembleia Legislativa, conhecido também pelo seu temperamento explosivo, além de já ter transitado por vários partidos políticos.

⁷⁴ Pinto (2013, apud Oliveira, 2015)

⁷⁵ Pinto (2013, apud Oliveira, 2015, p. 99)

⁷⁶ Sobre a Lei nº 4373, ver: <https://c-mara-municipal-da-cariacica.jusbrasil.com.br/legislacao/826119/lei-4373-06>. Acesso: 05/09/2021

⁷⁷ A Gazeta (2020)

⁷⁸ Século Diário (2019)

⁷⁹ Democratas.

Declaradamente conservador, o atual prefeito já atuou para barrar homenagens ao público LGBTQIA + em sessões da Assembleia Legislativa, além de estar envolvido em episódios de agressão e desrespeito noticiados na mídia local⁸⁰.

Nesse cenário, a cidade teve a autorização para transformação de duas escolas públicas em escolas cívico-militares em parceria com a Polícia Militar do estado. Nas palavras do atual secretário da educação, a implementação das escolas foi realizada após muita pesquisa que, segundo ele, constatou um rendimento muito eficiente dos alunos neste formato⁸¹⁸².

Portanto, o que temos visto são as intensificações dos processos de regulamentação da vida se engendrando nas políticas de saúde, educação, assistência, etc. Ou seja, tentativas e ações de terceirização da saúde que acabam por retirar a autonomia de profissionais que se veem desprotegidos e amedrontados frente a qualquer manifestação contrária aos modos engendrados pelas políticas governamentais do município. Tentativas de controle, submissão e disciplinarização dos corpos a partir, por exemplo, da entrada de escolas cívico-militares, se repetem à exaustão.

Essa estratégia política tem na vida humana, a seu principal objeto, opera por uma lógica do “fazer viver e deixar morrer”⁸³.

[...] temos uma tecnologia que, por sua vez, é centrada não no corpo, mas na vida; uma tecnologia que agrupa os efeitos de massas próprios de uma população, que procura controlar a série de eventos fortuitos que podem decorrer numa massa viva; uma tecnologia que procura controlar (eventualmente modificar) a probabilidade desses eventos, em todo caso em compensar seus efeitos. É uma tecnologia que visa, portanto, não o treinamento individual, mas pelo equilíbrio global, algo como uma homeostase: a segurança do conjunto em relação aos seus perigos internos⁸⁴.

Esses mecanismos de regulamentação são endereçados a certos grupos sociais, ou melhor, a certa parcela desses grupos. “Para aqueles que de algum modo não conseguiram se alinhar a certas iscas de ‘inclusão social’ restaria o lugar de matáveis”⁸⁵. Trata-se de morte não apenas física, mas, principalmente, de exposição

⁸⁰ A Gazeta, 2020

⁸¹ Cariacica, 2021a.

⁸² Cariacica, 2021b.

⁸³ Foucault, 2005

⁸⁴ Foucault (2005, p. 297)

⁸⁵ Heckert et. al, 2020, p. 177)

indireta à morte, pois: “o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc”⁸⁶.

Desse modo, as lutas cotidianas têm sido de extrema importância frente a essas relações de poder conservadoras, silenciadoras, clientelistas e patrimonialistas que voltaram a dominar o município.

No momento, profissionais de saúde tem se posicionado contra a portaria⁸⁷ que retira atendimentos essenciais em saúde em plena pandemia, como por exemplo, os atendimentos psicológicos. Profissionais contratados e efetivos têm confrontado as práticas e o modelo de gestão da saúde do município, além de juntar forças com movimentos sindicais atuantes como é o caso do Sindicato dos Servidores Municipais de Cariacica.

Do mesmo modo, educadores, estudantes, gestores têm enfrentado dificuldades no cenário da educação, e por meio de reuniões online, movimentação de atos públicos, além de estabelecer alianças com sindicatos e organizações - como é o caso da Federação das Associações de Moradores de Cariacica - têm se mostrado bastantes ativos nos movimentos de luta e resistência ao cenário vivenciado pelo município.

Com trinta e três anos de existência a federação tem se aliado aos movimentos por políticas outras de saúde, educação, previdência e, atualmente, as pautas têm incidido em favor da:

[...] regularização fundiária para titularizar imóveis de loteamentos irregulares anteriores ao ano de 2007, universalização do Ensino Fundamental em todas as modalidades, universalização do SUS municipal, implementação do Zoneamento Ambiental, efetivação da Política Municipal de Uso e Ocupação do Solo, ampliação e regularização do sistema viário e a criação de um polo de produção alternativa para geração de trabalho e renda.⁸⁸

⁸⁶ Foucault (2005, p. 306)

⁸⁷ A portaria citada diz respeito à PORTARIA/SEMUS/Nº 013, de 05 de abril de 2021, que suspende as consultas eletivas em Unidades Básicas de Saúde frente ao cenário de Pandemia pelo novo Coronavírus (COVID-19) (CARIACICA, 2021).

⁸⁸ Século Diário (2019)

Figura 19: Flyer do 27º Grito dos Excluídos⁸⁹



Fonte: Desconhecida

A dita “terra de ninguém” apresenta uma potência indiscutível de força e de luta dos cariacienses. Quais histórias conta a partir de sua relação com a loucura? Como essas políticas patrimonialistas e coronelistas lidam com a loucura? Que movimentos de resistência vão se engendrando nesse processo de higienização da cidade que almeja um status de desenvolvida e moderna?

É nessa terra dos movimentos negros, dos movimentos da juventude, de lutas cotidianas por uma vida digna de ser vivida que caíram os muros físicos do manicômio que funcionou na cidade por tantos anos. Isso possibilitou que a loucura habitasse outros espaços da cidade que não em um, sem eufemismos, calabouço. Que histórias são possíveis de serem contadas desse processo?

⁸⁹ 27º Grito dos excluídos: movimento realizado em prol de lutas por direitos e democracia, que acontece todo dia 07 de setembro no estado e por todo país e conta com movimentos sociais dos mais diversos, em prol de saúde, educação, assistência, entre tantos outros. Divulgado por apoiadores, professores, profissionais de saúde, entre outros, das mais diversas localidades do estado, o movimento retornou às ruas no ano de 2021, tendo como principal questão o enfrentamento a política de morte vivenciada pelo povo brasileiro na gestão nacional do atual presidente Jair Messias Bolsonaro.

4 UM HOSPITAL PSIQUIÁTRICO NA CIDADE

O Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho, tão comemorado no estado do Espírito Santo como um importante empreendimento na área de saúde, deixou marcas preocupantes onde foi sediado - cidade de Cariacica. Um hospital que nasceu dos desejos das cidades capixabas que aclamavam por ordem e progresso, que buscavam retirar dos espaços da cidade aqueles que se desviavam de um metro padrão urbano que emergia.

Antes de adentrarmos à história do hospital, importante colocar algumas questões que podem nos ajudar no desdobramento dessa pesquisa: O que entendemos por loucura? Como e porquê surge um hospital psiquiátrico? A loucura, tal como a vemos hoje, sobre um status de doença mental, teve o mesmo sentido em outros tempos?

Essas perguntas nos levam ao encontro da obra de Michel Foucault, uma vez que entendemos a loucura não como uma verdade universal que atravessa os tempos, tampouco que o hospital psiquiátrico surge na história sem estar atrelado a um conjunto de discursos e práticas que o torna necessário, discursos esses que também fabricam a loucura e a ela atribuem nomes e rostos. Desse modo, o intuito de colocar essas questões não é de respondê-las, mas de provocar pensamento, visto que falar da loucura é antes falar de práticas.

Foucault em sua tese *A História da Loucura na Idade Clássica* (1972), entre outras problematizações, inquietou-se em conhecer as múltiplas experiências da loucura no classicismo, questionando em que momento, no cenário europeu, a loucura se viu sobre os regimes de internamento⁹⁰. Trazer essa discussão a partir de M. Foucault, nos ajuda a contar um pouquinho⁹¹ da história do antigo Hospital Adauto Botelho em Cariacica. Esse hospital psiquiátrico, considerado um "avanço" no campo da saúde mental capixaba, pode nos mostrar práticas que operaram por uma certa lógica de internamento presente em outros tempos, uma vez que a história não tem ponto de partida, mas muitos pontos de encontro com tempos diversos. Quando se fala de

⁹⁰ Foucault (1972).

⁹¹ Portelli, 1997

loucura na história não se fala de uma história da loucura, mas de muitas histórias, muitas loucuras⁹².

As experiências e as formas de se relacionar com a loucura não estiveram sempre ligadas à lógica do confinamento e exclusão. O sentido atribuído à loucura no período da renascença foi marcado pela disputa de duas experiências da loucura que já estavam se tensionando: por um lado a ideia de cosmicidade, mistério e conhecimento de saberes divinos; de outro, principalmente a partir do século XV, uma experiência que se choca com a relação que o homem mantém consigo. Não há, na renascença, uma forma completa de experiência da loucura, mas uma luta incessante entre experiências. Nesse jogo de forças não há destino prévio, mas emergência de uma sobre a outra, que também não deixa de existir⁹³.

No século XVI, a experiência da loucura que tencionava o homem a se confrontar com sua verdade, emerge encobrendo a experiência cósmica. É nesse movimento que vemos acender o império da razão sobre a loucura, a relação da razão e desrazão. É pela relação com a loucura que a razão se fundamenta, ela é uma das formas da razão, e só terá sentido no próprio campo da razão.

[...] a loucura é arrancada a essa liberdade imaginária que a fazia florescer ainda nos céus da Renascença. Não há muito tempo, ela se debatia em plena luz do dia: é o Rei Lear, era Dom Quixote. Mas em menos de meio século ela se viu reclusa e, na fortaleza do internamento, ligada à Razão, às regras da moral e a suas noites monótonas.⁹⁴

A metade do século XVII marcou a ligação da loucura com o movimento de internamento a partir do surgimento dos Hospitais Gerais, mas esses locais não tiveram como finalidade servir para fins médicos, tampouco espaços de uma pretensa cura. Com o desaparecimento da lepra na idade média, esses locais, muitas vezes, eram construídos nos antigos espaços dos leprosários e as internações que ali ocorriam eram destinadas a um grupo, teoricamente, muito diversificado: loucos, pobres, devassos, libertinos, entre outros⁹⁵.

Essa experiência de internamento tem nascimento a partir de muitos sentidos políticos, sociais, religiosos, econômicos e morais. Em um primeiro momento foi

⁹² Foucault (2006).

⁹³ Foucault (1972).

⁹⁴ Foucault (1972, p. 78)

⁹⁵ Foucault (1972).

necessário dar nome aos loucos, ou seja, atribuir à loucura uma categoria. Esse movimento tem forte ligação com a mudança da concepção do pobre, da pobreza, uma vez que diante aos problemas econômicos, do desemprego e da ociosidade, todo um imperativo em torno da moral e do trabalho estava se formando. A burguesia se preocupava em colocar ordem e eliminar o ócio e a miséria que crescia nas cidades. Além disso, a partir da reforma protestante, há uma alteração na visão de miséria ligada à caridade como caminho de glória e salvação. Assim, o pobre, que antes era "acalentado" pela caridade medieval da igreja, tornou-se obstáculo à ordem social, o que levou também a uma condenação moral da ociosidade⁹⁶.

A internação é uma criação institucional própria ao século XVII. [...] Como medida econômica e precaução social, ela tem valor de invenção. Mas na história do desatino, ela designa um evento decisivo: o momento em que a loucura é percebida no horizonte social da pobreza, da incapacidade para o trabalho, da impossibilidade de integrar-se no grupo; o momento em que começa a inserir-se no texto dos problemas da cidade. As novas significações atribuídas à pobreza, a importância dada à obrigação do trabalho e todos os valores éticos a ele ligados determinam a experiência que se faz da loucura e modificam-lhe o sentido⁹⁷

As formas vistas como “inúteis” socialmente, ou seja, aqueles que se recusavam a trabalhar e os inaptos para o trabalho eram excluídos dos espaços da cidade, condenados à internação. Essa internação tinha como foco a eliminação do ócio dos espaços da cidade, como alternativa de estabelecer uma pretensa ordem à miséria e às cidades produtivas.

Portanto, esse movimento de exclusão está atrelado ao “efeito representativo geral de várias estratégias e táticas de poder, que a própria noção de exclusão não pode atingir por si só”⁹⁸. Os movimentos de exclusão, que se apresentam de maneira diversificada nos tempos não decorrem apenas de um consenso social que rejeita, mas pelo fato de haver “instâncias perfeitamente especificadas, por conseguinte definíveis de poder, que são responsáveis pelo mecanismo de exclusão”⁹⁹.

Assim como os hospitais gerais – que emergiram no século XVII como instâncias responsáveis por fazer desaparecer dos espaços da cidade aqueles considerados ociosos, improdutivos e "inúteis" a um modelo social definido, padronizado - vemos

⁹⁶ Foucault (1972).

⁹⁷ Foucault (1972, p. 78)

⁹⁸ Foucault (2015, p.5).

⁹⁹ Foucault (2015, p.5).

que o hospital psiquiátrico - assim como os quartéis, as prisões, entre outros - emergem como instâncias definíveis de um poder disciplinar entre os séculos XVII e XVIII. Isso, posteriormente, vem se articular com um biopoder, que emerge a partir do século XIX, complementando-o.

Ainda cumpre dizer que Foucault fala de três tecnologias de poder que se complementam com diferentes dominâncias em diversos períodos históricos: poder soberano, poder disciplinar e biopoder. No fundamento do poder soberano, que imperou no pensamento ocidental por longo tempo (do século XV até meados do início do século XVIII), era a figura do monarca quem decidia sobre a vida e/ou a morte dos súditos, uma vez que estes eram efeito de sua vontade. Tal poder operava por uma lógica de "fazer morrer e deixar viver", pois era pelo poder de matar que se exercia algum poder sobre a vida. Já o poder disciplinar tem seu foco no engendramento de um certo corpo individual, operando, principalmente, através da docilização, do esquadramento e da vigília. Por sua vez, o biopoder não anula o poder soberano, tampouco o disciplinar, mas os penetra e complementa, operando sobre questões inerentes à vida das populações, como o nascimento, a morte e, entre outros, os processos de adoecimento¹⁰⁰.

Para tanto, as tecnologias de poder se valem da norma, pois é através dela que se regulamenta, organiza e classifica, mas igualmente se isola, separa e abandona.

A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar. A sociedade de normalização não é, pois, nessas condições, uma espécie de sociedade disciplinar generalizada cujas instituições disciplinares teriam se alastrado e finalmente recoberto todo o espaço (...). A sociedade de normalização é uma sociedade em que se cruzam, conforme articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação. Dizer que o poder, no século XIX, tomou posse da vida, dizer pelo menos que o poder, no século XIX incumbiu-se da vida, é dizer que ele conseguiu cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante o jogo duplo das tecnologias de disciplina, de uma parte, e das tecnologias de regulamentação, de outra.¹⁰¹

Cidade da norma, da regulamentação, da ordem e da disciplina, cidade que busca evitar erros, acasos, é o cenário em que emergem os hospitais psiquiátricos. Estes expressam não somente espaços de internamento da loucura, mas as relações de

¹⁰⁰ Foucault (2005).

¹⁰¹ Foucault (2005, p. 302)

poder presentes na rede social, que não só dão nascimento ao hospital psiquiátrico, como, também, atribuem nomes e rostos à loucura, agora entendida como doença mental. Assim, esses estabelecimentos passaram a ser os principais espaços de confinamento e cisão dos então doentes mentais quanto ao meio social - medidas essas identificadas à própria terapêutica sob domínio do saber e do discurso psiquiátrico. Logo, a noção de doença mental estabelece ligação com todo um sistema de práticas:

[...] no lugar de classificação e instrução, nos termos da relação de autoridade interior ao hospital, será reconvertido em diagnóstico ou prognóstico, em nosografia na linguagem do médico, que, quando está fora do hospital, funcionará como sujeito de um discurso científico.¹⁰²

Assim, a mudança do saber e prática médica e a "disciplinarização do espaço hospitalar" marcam a entrada do hospital médico. Agora unificados, estes processos garantiram a nova função hospitalar na qual visava "assegurar o esquadramento, a vigilância, a disciplinarização do mundo confuso do doente e da doença, como também transformar as condições do meio em que os doentes são colocados"¹⁰³.

A prática do internamento no começo do século XIX, coincidiu com o momento em que a loucura é percebida menos com relação ao erro do que com relação à conduta regular e normal. Momento em que aparece não mais como julgamento perturbado, mas como desordem na maneira de agir, de querer, de sentir paixões, de tomar decisões e de ser livre. Enfim, em vez de se inscrever no eixo verdade-erro-consciência, se inscreve no eixo paixão-vontade-liberdade.¹⁰⁴.

A figura do médico tem fundamental importância para fazer operar toda uma relação de poder que se dá dentro e fora do espaço hospitalar. Personagem de grande relevância no meio científico e social, o médico é o meio pelo qual o discurso se reconverterá "em elementos de informação racional que serão reintroduzidos nas relações de poder características da sociedade"¹⁰⁵.

[...] O hospital psiquiátrico é realmente o lugar institucional no qual e por meio do qual se dá a expulsão do louco; ao mesmo tempo e pela própria ação dessa expulsão, ele é um núcleo de constituição e reconstituição de uma racionalidade autoritariamente instaurada no âmbito das relações de poder no interior do hospital e que será reabsorvida no exterior do hospital na forma de discurso científico, que circulará no exterior como saber sobre a loucura, cuja condição de possibilidade de sua racionalidade precisa é o hospital.¹⁰⁶

¹⁰² Foucault (2005, p. 6)

¹⁰³ Foucault (2005, p. 107-108).

¹⁰⁴ Foucault (2005, p. 69)

¹⁰⁵ Foucault (2015, p.6).

¹⁰⁶ Foucault (2015, p. 5)

Loucos, ociosos, pobres, libertinos, doentes mentais... Foucault contribui para entendermos acerca dos muitos nomes e rostos da loucura em diferentes espaços e tempos, assim como os discursos e práticas presentes na rede social que os produzia, que fez emergir diferentes espaços para conter essa loucura.

Entre tantas histórias da loucura está a do “Adauto” de Cariacica, hospital que emerge em 1954. Em um momento em que as cidades ansiavam por desenvolvimento, ordem e progresso, a chegada do primeiro hospital público psiquiátrico do estado do Espírito Santo foi comemorada.

Quem eram aqueles levados para esse hospital? Do que as cidades capixabas queriam (e talvez ainda querem) tanto se ver livres? Que marcas um manicômio pode deixar numa cidade escolhida para sediá-lo, como também nos corpos daqueles que por anos nele ficaram internados?

Por muitos anos, ou para se ter maior precisão, até o fim da primeira república (1930), "o que fazer com os loucos?", era uma questão presente nas discussões entre as autoridades capixabas. A administração da população dos ditos alienados, durante 1899 até meados de 1921, saltava de mãos em mãos entre quartéis de polícia, abrigos e envio para o Hospital Nacional de Alienados no Rio de Janeiro, uma vez que não havia quem quisesse ficar a cargo da população dos insanos capixabas¹⁰⁷.

"O que fazer?", "Para onde enviá-los?". O estado oscilava, embora já cogitasse ser necessário um local próprio para abrigar a "massa de insanos". Em 1918, a partir da parceria do governo do estado com a instituição filantrópica denominada Asilo Deus, Cristo e Caridade - localizada na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, acerca de 140 km da capital do estado - pareceu servir como alternativa para "aliviar" as autoridades policiais que já não queriam mais ficar a cargo da administração dos alienados, tampouco deixá-los nas celas dos quartéis de polícia¹⁰⁸.

O asilo era uma associação espírita beneficente e não contava com nenhum auxílio médico, muito menos tinha condições de oferecer qualquer tratamento psiquiátrico

¹⁰⁷ Jabert (2001).

¹⁰⁸ Jabert (2001).

àqueles que lá eram internados, mas isso não era problema nem preocupação para as autoridades do estado à época¹⁰⁹.

O principal objetivo do convênio firmado entre o Estado e o Asilo era permitir que os alienados fossem retirados das dependências da cadeia civil, dando possibilidade a essa instituição de funcionar de forma adequada e pondo fim aos problemas de manutenção da disciplina causados pelos loucos. Com a criação do Asilo as autoridades policiais passaram a possuir mais recursos para a realização de um controle mais efetivo e de uma coerção mais enérgica da "casta dos vadios". Deste modo passou a ser ordenado que todos os mendigos da capital fossem recolhidos pela polícia para internamento no Asilo de Cachoeiro¹¹⁰.

Recolhimento da "casta de vadios" para o asilo de Cachoeiro, coerção, ordem urbana, controle, movimento que Foucault já nos indicava em relação à loucura. Loucos e mendigos se misturavam, corpos nomeados indesejados, retirados pela polícia que, apesar de não mais internar os alienados nos quartéis, fazia o papel de recolher pelas praças e ruas da capital e enviá-los ao asilo. Assim, o intuito não era oferecer tratamento médico, mas retirar da cena urbana aqueles que perturbavam uma pretensa ordem¹¹¹.

Mas o asilo de Cachoeiro não abrigava apenas os loucos, mendigos e vadios, mas também idosos e órfãos. Como o estado disponibilizava recursos financeiros apenas para o compartimento dos alienados, o dinheiro era dividido entre as outras alas para tentar dar conta da administração. Os recursos foram insuficientes. Com o tempo, começaram a surgir relatórios de críticas ao local e da precarização dos serviços, como é o caso do relatório da Repartição Central da Polícia de 1928, que contava com anexos de apontamentos do então Delegado Geral e de um médico que indicavam a precarização do local, a dificuldade de nele se chegar, além da falta de medicação e tratamentos psiquiátricos para a população dos chamados alienados, que cada vez mais aumentava¹¹².

Não tendo acomodações indispensáveis à sua segurança freqüentemente veem-se os trabalhos da Repartição perturbados pela presença de taes doentes. Muitas vezes, quando recolhidos á policia, o seu estado de exaltação ou as suas allucinações teem-se prestado á explorações por parte de espíritos maledicentes, que encontram pretexto para imputar violencias ás autoridades policiais. (...) Grandes são, tambem, as dificuldades encontradas para a conducção de taes enfermos para o local de seu

¹⁰⁹ Jabert (2001).

¹¹⁰ Jabert (2001, p.121)

¹¹¹ Palhano JR., (1993) apud Jabert (2001).

¹¹² Jabert (2001).

internamento. Obrigados a uma longa e penosa viagem de trem de cerca de oito horas e meia, acompanhados por pessoal sem a necessaria pratica no trato com semelhantes doentes, quase sempre provocam estes, no seu estado de exaltação e de inconsciencia desagradaveis scenas, que bem poderiam ser evitadas se já possuímos na Capital um estabelecimento proprio para o recolhimento e tratamento delles.¹¹³.

A cidade murmurava: "Precisamos de um local próprio para os loucos", "Um hospital próprio para abrigar esses alienados"; as autoridades públicas se movimentavam para reivindicar a construção de um local público, administrado e sustentado pelo estado, mas se deparavam com a justificativa de dificuldade financeira para a construção do tão sonhado hospital. O que permanece até o fim da primeira república é a internação dos loucos no Asilo Deus, Cristo e Caridade e o envio de alguns por navio ou trem ao Hospício Nacional, no estado do Rio de Janeiro.

As cidades capixabas continuavam a proclamar "Precisamos de um local próprio para os loucos", "Um hospital para abrigar esses alienados". O hospital psiquiátrico já estava se formando antes mesmo de suas estruturas físicas serem construídas, um hospital que nunca aparece isolado, "[...] sempre se fala de um mundo: um mundo que lá fora inventa o abandono, a loucura, o medo"¹¹⁴.

Com a criação do Serviço Nacional de Doenças Mentais, em 1941, firmou-se acordos com as secretarias dos Estados da Federação para que fossem construídos, ou ampliados, ambulatórios e hospitais por todo Brasil. Assim, em 1944 foi criado o Serviço de Assistência aos Psicopatas, próximo ao Hospital do Psicopata, integrado ao Hospital Oswaldo Monteiro na Ilha da Pólvora, em Santo Antônio, na Baía de Vitória-ES.

¹¹³ Rabello (1928, p. 39) apud Jabert (2001, p. 133)

¹¹⁴ Carrion (2011, p.41).

Figura 20: Ilha da Pólvora



Fonte: Youtube, Canal D onde, 2021.

Em uma ilha distanciada do centro da capital do estado, os ‘alienados’ dividiram espaço com pessoas em isolamento e tratamento de hanseníase e tuberculose. Ilha da pólvora, dos leprosos, do medo ou Ilha do Diabo, uma ilha que conta muitas histórias; lugar em que passava a ser o ambiente daqueles que para lá eram enviados para serem isolados e não transmitirem doenças para as outras pessoas da cidade, uma vez que, dificilmente, retornariam aos seus lares. Levados por barcos a percorrerem as águas da Baía de Vitória, passavam seus últimos dias de vida naquele pedaço de terra cercado pelo mar.

Figura 21: Ilha da Pólvora



Fonte: Youtube, Canal D onde, 2021.

Os alienados foram transferidos do Asilo de Cachoeiro para os barcos rumo ao hospital da ilha e lá ficarem, talvez deixados para morrer com ‘suas loucuras’, juntamente com aos enfermos e as suas doenças transmissíveis. O destino dos internados parecia ser apenas aguardar a morte, mas muitos negavam tal situação: enfrentavam a extensão do mar para tentar fugir da ilha. Muitos acabaram morrendo afogados, não havendo registros dos que conseguiram completar o percurso. Histórias que, sem um olhar romantizado ou heroico, revelam tentativas de uma travessia, tentativas de que a vida pudesse escapar dos “destinos” dos carimbos dos documentos policiais, das marcas dos discursos sociais.

Os grandes centros urbanos capixabas foram ganhando outros cenários, dentre eles, com a inauguração do Porto na capital do Estado. A cidade de Vitória permitiu a chegada e instalação de indústrias e o desenvolvimento de centros comerciais pela cidade. Congratulações, ânimos e expectativas: o pensamento dominante nas cidades é que elas estavam sendo modernizadas. Com essa dita modernização, todo um imperativo em torno do trabalho foi se formando, pessoas se mudavam para a cidade em busca de oportunidades de trabalho e com todo esse processo urbano algumas queixas surgem em função do aumento da mendicância. Os jornais da época

anunciavam o “problema”, a desordem, o incômodo daqueles “pouco afeitos para o trabalho”, um mal que deveria ser dissipado dos espaços urbanos¹¹⁵.

A cidade está enfeitada de falsos mendigos [...] Existem ainda homens e mulheres que percorrem o comércio, as repartições públicas e as casas de famílias solicitando auxílio, ora para tratar de um filho, de um marido [...] Acontece que a caridade é apenas uma palavra explorada por elementos sabidos, que procuram somente o seu interesse. E o povo vái caindo¹¹⁶.

Um mal a ser dissipado para bem longe dos espaços da cidade, que seja difícil chegar e ainda mais difícil de sair. Talvez um lugar semelhante ao de uma história contada por Foucault (2006), um local em que seu acesso inacessível seja feito por máquinas tão avançadas que surpreendam os homens comuns, um castelo protegido, que impere a ordem, a regulamentação constante, ordem que penetre cada movimento, até os nervos, onde os dias sejam infundáveis¹¹⁷. Um lugar em que impere a ordem, a regulamentação, a norma, um espelho de uma sociedade de normalização.

Onde construir esse castelo de dias infundáveis que deveria abrigar todos os indesejados dos grandes centros urbanos? A escolha foi a cidade dita “terra de ninguém”, a cidade de Cariacica.

Em uma fazenda doada foi construído, em 1954, o primeiro hospital psiquiátrico público do estado do Espírito Santo, o Hospital Aduino Botelho. ‘Obra grandiosa, majestosa, moderna e bem equipada’, proclamavam orgulhosas as autoridades da época. A notícia correu por todo o estado, os jornais anunciavam um espaço para aqueles ditos infelizes, “atacados das faculdades mentais”.

Manoel Moreira Camargo para declarar que, tendo comparecido à Inauguração do Hospital Colônia Prof. Aduino Botelho’, como representante da Câmara Municipal de Vitória, desejava congratular-se com os governos da República e do Estado, bem como com os doutores Aduino Botelho e Alaor Queiroz de Araújo pela concretização de tão notável obra que veio sem dúvida preencher uma grande lacuna em nosso Estado no tocante à solução do problema dos alienados. Adiantou que, quem comparecer em Santana, sentir-se-á entusiasmado com a majestade e a imponência do edifício que está dotado dos mais modernos requisitos da técnica, merecendo, como recebeu do Sr. Ministro da Saúde a merecida classificação de Hospital Modelo. E oportuno, frisou lembrar, aqui, para conhecimento de todos os capixabas, que o projeto é de autoria de um modesto arquiteto contemporâneo, Olímpio Brasiliense. Finalizando, declarou que seria interessante se antes de ser definitivamente instalado o Hospital, fosse o mesmo visitado e admirado por quantos se interessassem pelo bem-estar

¹¹⁵ Margotto (2001, p.54).

¹¹⁶ A Tribuna (1941, p. 8) apud Margotto (2001, p. 54)

¹¹⁷ Foucault (2006).

dos infelizes doentes, atacados das faculdades mentais, atualmente em número superior a 300, o mesmo passo que fazia voto por que o Governo Federal continue a emprestar a sua ajuda para tão grandiosa e humanitária obra¹¹⁸.

Obra grandiosa, moderna, humanitária, necessária, para ser vista e vislumbrada. Mas o que haveria de tão belo e moderno assim? A extensão da obra? Os grandes muros e portões? Os extensos corredores? Em algumas outras histórias, a beleza e a modernidade perdem suas bordas e estacas.

Construído em um cume de um acidentado relevo cariaticuense, os ‘pacientes’, sem água, desciam e subiam a ladeira em filas indianas com pedaços de madeira nas costas, que serviam para pendurar baldes para pegar água nas nascentes e ribeirões. Com água escassa o banho era viável apenas uma ou duas vezes por semana.

O que haveria de tão moderno e humanitário assim? O acesso ao manicômio capixaba era quase inviável, estradas de terra impróprias para o trânsito de automóveis, o que levava a um longo percurso, caso se optasse por ir a pé. A cidade de Cariacica pouco habitada na época revela a localização difícil em que se encontrava o hospital, o processo de isolamento e abandono a que estavam destinados aqueles que para lá fossem enviados¹¹⁹.

O Hospital Aduato Botelho, considerado um avanço para a saúde mental capixaba, revela sua função fundamental: a de afastar dos espaços da urbe os corpos que incomodavam a ordem. Nele eram internados loucos, alcoolistas, sífilíticos na fase terciária, mulheres indesejadas no casamento e incômodas na partilha de bens, entre outros¹²⁰. Eis os muitos nomes da loucura no cenário capixaba, mas que nos mostra que o que se apresenta como moderno, revela práticas de internamento não tão modernas assim¹²¹. A história e seus múltiplos pontos de encontro.

Do lado de fora desse espaço de confinamento, o discurso científico pairava sobre os céus capixabas. A ideia transmitida pela ciência psiquiátrica aos familiares e estendida às outras dimensões sociais era de que o “doente mental” necessitava ser internado, pois constituía um risco para si próprio e para a sociedade. Com isso, o

¹¹⁸ A Gazeta (1954) apud Carrion (2011, p. 41)

¹¹⁹ Lima (2005).

¹²⁰ Carrion; Margotto; Aragão (2014).

¹²¹ Foucault (1972)

discurso do saber médico marcava corpos e garantia sua soberania e poder sobre a loucura. A sociedade dos ditos sãos ia criando medo e distanciamento frente a esses corpos marcados por uma ideia de periculosidade¹²².

Portanto, as cidades que cresciam numa desejada perspectiva de ordem e progresso enviavam sua população de indesejados para a “terra de ninguém”, a terra dos rejeitados, onde não poderiam mais incomodar o cenário urbano que crescia e se industrializava. Corpos improdutivos, com suas roupas em desalinho e seu histórico familiar (pais, irmãos, tios...alcoolidas, usuários de drogas, etc) que justificava sua loucura¹²³. Ou ainda, corpos considerados perigosos, com suas errâncias, suas divagações, perturbavam uma pretensa paz social, traziam desordem a utópica ordem cidadina. Foi preciso expulsar a loucura da cidade.

“Como chegavam ao hospital?” Expulsos. “Quem expulsava?” A família, o trabalho, a cidade, a produtividade, as fábricas, as casas, as lavouras, a assepsia. A família também higienizada, o homem e a mulher produtivos, os desvios do tempo sufocados. Uma cidade que, ansiando por pessoas e famílias produtivas, precisava isolar aqueles que não produziam. Famílias que, lutando para sobreviver nessa cidade, compartilhavam da ânsia por um espaço que abrigasse para sempre aqueles que incomodavam.¹²⁴

Nos grandes centros urbanos, onde impera os discursos de ordem, da norma, da regulamentação, a loucura, a ociosidade, a mendicância, a desordem, a doença, não podem transitar. “Manda pra Cariacica, eles aqui atrapalham” - atrapalham com suas bebedices, seus gritos altos na rua, com suas roupas em desalinho, seu caminhar errante.

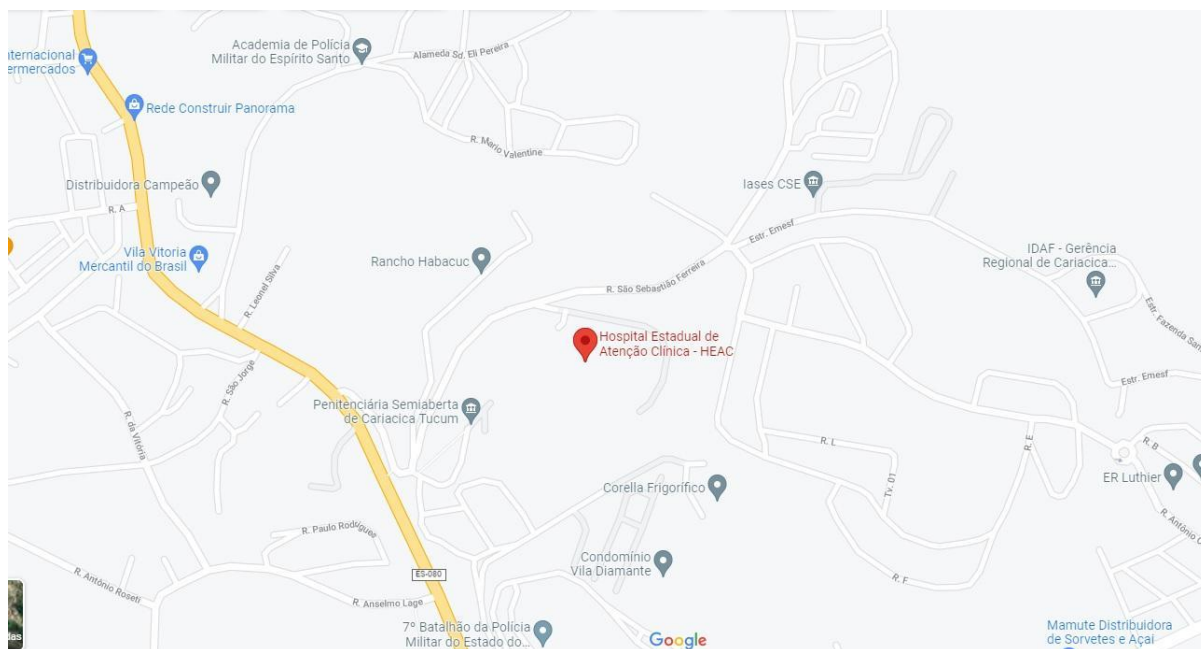
Uma “terra de ninguém” para abrigar os indesejados das cidades “de alguém”, “alguém” este moldado por um biopoder que regulariza, normaliza e extrai o máximo da vida. Esse “alguém” produtivo, com suas roupas alinhadas, com seus modos de vida higiênicos, com seu andar ereto e reto, sem desvios, com seu olhar cada vez mais individualizado.

¹²² Lima (2005); Foucault (2006).

¹²³ Carrion (2011).

¹²⁴ Carrion; Margotto; Aragão (2014, p. 1336)

Figura 22: Mapa do entorno do antigo Hospital Adauto Botelho, no bairro de Santana - Cariacica



Fonte: Google Maps, 2021.

As linhas do mapa dessa cidade revelam o porquê de ser denominada espaço dos rejeitados. Presídios, manicômio, institutos socioeducativos, Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico, entre outros estabelecimentos, ergueram seus muros em Cariacica, bem vigiados e cercados pela polícia, para assegurar que de lá jamais pudessem sair.

Uma cidade aparentemente desqualificada, com seu desenvolvimento constantemente freado frente às administrações políticas clientelistas, coronelistas e patrimonialistas que ainda tem permeado a gestão municipal. Uma cidade depósito da dita desordem das cidades dos discursos da ordem.

Discursos e práticas foram produzindo marcas nessa cidade: Cariacica é cidade dos doidos, da violência, do abandono, da desordem, da criminalidade...O que mais pode ser Cariacica?

Por volta de 1996, os portões (físicos) do Adauto Botelho começaram a ser abertos. Desde a segunda metade da década de 70, o Brasil vivenciava movimentos em

defesa da luta antimanicomial¹²⁵, que buscavam o fim das internações e propunham alguma forma de cuidado em liberdade.

Movimentos de resistência também se desenvolveram no território capixaba. As cidades iam revelando as tensões insolúveis nelas presentes, esquivando-se de ser o bálsamo de uma pretensa ordem, paradoxo infundável¹²⁶. Os documentos repletos de assinaturas expressavam as insatisfações por parte de certos profissionais da saúde frente ao modelo hegemônico de isolamento hospitalar que imperou por anos no Brasil.

A estratégia de ação em Saúde Mental deve-se inspirar na reorientação que sofre hoje todo o campo da chamada “Doença Mental”, tanto no aspecto conceitual quanto no aspecto que envolve a atenção dirigida àquele que demanda cuidados nessa área. [...] ações que visem a necessidade da criação de espaços terapêuticos alternativos ao hospital psiquiátrico, na vertente clara da política de desospitalização que orienta a todos os agentes envolvidos nessa questão, e a necessidade do trabalho da revisão dos equipamentos disponíveis na atenção à Doença Mental. [...] O modelo hospitalocêntrico criou o lugar por excelência da Doença Mental - historicamente nos reportamos ao advento da medicalização da loucura com a inserção de um saber novo agraciado pela ordem médica que ganha estatuto de especialidade na Psiquiatria - onde a grande clínica dominava com sua fenomenologia fecunda e extensa. Trata-se dentro dessa reorientação que nos movimenta, criar o lugar do sujeito acometido no seu sofrimento, sem o desprezo da grande clínica que deve ser retomada e liberada do seu enquadramento “standart” para no interior de seus pressupostos poder esperar sem antecipação, a expressão daquele que adocece, sua singularidade, sua diferença, sua particularidade, sua especificidade, enfim, sua fala como manifestação da mais radical diferença que cada sujeito porta¹²⁷

Neste cenário, dentro do espaço de confinamento, ou melhor, dentro do hospital psiquiátrico de Cariacica, os brotos de resistência já estavam germinando.

Os processos de resistência podem se efetuar localmente e vêm de onde menos se espera. Têm a potência de atravessar instituições e organizações, interrogando seus modos de funcionamento ou fabricando outros sentidos. As resistências são linhas desobedientes que problematizam os princípios de ordenação e conservação da vida ¹²⁸.

Portanto, processos que vieram de onde menos se esperava: dentro da enfermaria do manicômio de Cariacica, que começaram a desenvolver algumas experiências substitutivas ao modelo de internação. Programa de atenção diária; unidade de curta

¹²⁵ Sobre a Reforma Psiquiátrica e a Luta Antimanicomial no Brasil, ver Yasui (2010) e Amarante (1995).

¹²⁶ Baptista (2019)

¹²⁷ Vitória (1995, p. 5-6)

¹²⁸ Heckert (2014, p. 473)

permanência, que tinha como objetivo as internações apenas nos curtos momentos de crise; e a unidade de ressocialização, que deu início aos trabalhos com pacientes crônicos e acamados e que já estavam internados há muitos anos, no intuito de fazer um trabalho de retorno aos espaços da cidade.

“Essa proposta dá mesmo certo?”, “O outro modelo de internação é melhor, é o que dá certo, sempre foi assim, porque querer mudar agora?”, “Artista plástica no manicômio? música? para quê? aqui não é o lugar deles”. Os discursos e práticas incrustadas erguiam suas barreiras frente às propostas de transformação.

Mas se a experiência é “qualquer coisa de que se sai transformado”¹²⁹, as experiências substitutivas produziram quebra aos modos enrijecidos de trabalho, que acreditavam que apenas a medicação e o isolamento eram a melhor alternativa de cuidado, modos que pareciam ser eternos e imutáveis: “Como assim essa pintura foi você quem fez?” “Esse tapete foram os pacientes que fizeram? Está muito bonito!”.

Figura 23: Tapetes confeccionados na oficina de tapeçaria do CAPS Moxuara



Fonte: Secretária de Saúde, 2017.

¹²⁹ Foucault (2010, p. 289)

As experiências e os trabalhos realizados foram produzindo transformações no funcionamento do hospital. Em 1998, a partir do programa de atenção diária, que já estava em operação no Adauto Botelho, inaugurou-se na cidade Cariacica o primeiro Centro de Atenção Psicossocial¹³⁰ do estado, o CAPS Moxuara. Um serviço que nasceu dentro da enfermaria do manicômio de Cariacica.

Neste cenário, no ano de 2004, criaram-se os primeiros Serviços Residenciais Terapêuticos na cidade de Cariacica, a partir dos processos de desospitalização e eventual desinstitucionalização daqueles e daquelas que por anos ficaram internados naquele hospital. Com a proposta de “reintegração à comunidade”, uma série de atividades eram desenvolvidas com os pacientes, como arrumar a cama ao acordar, escolher a roupa a vestir, cuidar da aparência, entre outras atividades do dia-a-dia que não faziam parte da rotina hospitalar¹³¹.

A loucura, antes trancafiada à “sete chaves” no cume das ladeiras cariaciquenses, passa a compor outros espaços da cidade que não trancafiada no manicômio. E a cidade?

“Aluga as casas em Cariacica, o hospital já está lá mesmo”, “Não queremos Residências Terapêuticas aqui no bairro”, “Não queremos mais residências terapêuticas aqui em Vitória”, “Vão trazer os doidos pra cá?”. As cidades revelam os discursos e práticas que nela estão presentes, que produzem a loucura e a retiram dos seus espaços. A cidade de Cariacica continuava a ser vista como lugar de depósito da desordem, dos incômodos de uma pretensa ordem, lugar que deveria abrigar os doidos e suas casas, lugar, talvez, de onde eles não deveriam sair.

Nas cidades da ordem e da normalização, forças de encarceramento e dominação parecem ainda predominar. Em 2010, o velho “Adauto” se transformou em Hospital Estadual de Atenção Clínica. Novamente, a notícia percorria as cidades, os veículos de informação anunciavam a nova conquista do estado.

¹³⁰ O Centro de Atenção Psicossocial compõe a Rede de Atenção Psicossocial. É um serviço muito importante para a estratégia de desinstitucionalização e destina-se às pessoas com transtorno mental grave e persistente, trabalhando sobre uma ótica de cuidado diário, comunitário e multiprofissional, contando com psicólogos, psiquiatras, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, entre outros.

¹³¹ Espírito Santo (2010).

O Governo do Estado, por meio da Secretaria da Saúde (Sesa), inaugurou, nesta sexta-feira (07), sua mais nova unidade hospitalar: o Hospital Estadual de Atenção Clínica (HEAC), que vai funcionar no antigo Aduato Botelho, em Cariacica. A unidade foi toda reformada para abrigar a nova estrutura e o seu novo perfil de atendimento. De hospital psiquiátrico, ele passa a funcionar como referência em Atenção Clínica, abrigando ainda uma unidade de atendimento à Urgência em Saúde Mental ¹³²

O que muda com a troca de um nome? “O nome mudou, mas os processos, os documentos, ainda são assinados, levam o nome do antigo hospital”. O velho “Aduato” se transformou em HEAC, mas os “velhos” discursos e práticas de internação e exclusão não mudaram com a rapidez que se muda um nome, ou se troca uma placa pendurada na fachada de um hospital.

“Recebemos um mandato judicial para abrigar quase vinte pessoas da Clínica Santa Isabel¹³³ de Cachoeiro de Itapemirim aqui no Aduato”, “Não podemos internar, o hospital está reposicionando seu modus operandis para se tornar um hospital de atenção clínica”, “Ah! mas é temporário”, um temporário que vira definitivo...

As conquistas, os movimentos de resistência não estão imunes às capturas desse poder sobre a vida. Conforme Foucault (2006), o poder não está nas mãos de alguém, mas nas relações, sempre móvel. Desse modo, as conquistas não são salvo conduto de serem apossadas por discursos e práticas, que falando em nome de uma pretensa transformação de um modo de cuidado hegemônico de internação, ainda produzem encarceramento, exclusão e isolamento.

A cidade, portanto, se mostra palco de batalhas infundáveis, de tensões insolúveis¹³⁴. Nesta pesquisa para a dissertação do mestrado não pretendemos estender demasiadamente detalhes sobre história do “Aduato”, optamos por conhecer um pouquinho do que a cidade de Cariacica nos conta do seu encontro (ou reencontro) com a loucura após abertura, ao menos física, dos portões do “Aduato”.

Entre tentativas de internação, de retorno à lógica manicomial e movimentos em prol de uma desospitalização e eventual desinstitucionalização daqueles e daquelas que,

¹³² Espírito Santo (2010, online). Disponível em <https://saude.es.gov.br/governo-inaugura-hospital-de-atencao-clinica>

¹³³ A Clínica Santa Isabel da cidade de Cachoeiro de Itapemirim foi um hospital psiquiátrico, considerado por um certo tempo, um dos maiores do estado do Espírito Santo, chegando a ter mais de 400 leitos e teve suas atividades de internações psiquiátricas encerradas no ano de 2016.

¹³⁴ Baptista (2019)

durante parte de suas vidas haviam permanecido trancafiados no hospital, a loucura foi compondo, e tem composto, os espaços da cidade, avizinhandose, transitando pelos espaços da urbe.

Nessa cidade os discursos da ordem de uma sociedade de normalização estão presentes e perpassam nossa experiência com a loucura. Mas a cidade sempre conta outras histórias.

5 HISTÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS: A LOUCURA VIZINHA AO LADO

Eu não espero pelo dia em que todos os homens concordem / Apenas sei de diversas harmonias bonitas possíveis sem juízo final (Caetano Veloso, Fora da Ordem).

A abertura dos portões do manicômio chacoalhou a ordem de uma cidade acostumada a encarcerar os destoantes, supostamente perturbadores da ordem urbana. Receber a loucura em outros espaços da cidade, que não sobre a “garantia” dos portões sempre trancados do hospital psiquiátrico, não foi, e não é, tarefa fácil. “Como assim? Eles vão vir para cá?” A cidade de Cariacica se inquietou com os boatos de que os “doidos do Aduto” iriam morar em casas distribuídas pela cidade. Alguns dos moradores do Conjunto Residencial Santana ficaram indignados com as notícias de que o estado já estava em contato com proprietários de casas para alugar e estabelecer os primeiros Serviços Residenciais Terapêuticos do Espírito Santo para então trazer os ex-internos do Aduto Botelho para morar no conjunto.

“Então a gente não vai poder mais deixar as crianças na rua porque um doido pode fugir de casa?”, “Ouvi dizer que eles estão envolvidos com coisa da justiça também, tem caso até que colocou fogo na própria casa, como eles vão morar aqui?”, “Como controlam esses crimes? Quem garante que não vai se repetir?”, “Nossas casas vão perder o valor comercial com a vinda deles para cá!”.

A cidade murmurava suas inquietações, a entrada da loucura em outros espaços provoca estranhamentos, ameaça os frágeis castelos da ordem e da norma em que se encontra o cidadão moderno. Inquietações revelam que, assim como os outros municípios do estado, a cidade de Cariacica parecia não desejar receber os loucos em seus espaços. Os discursos e práticas em nome de uma urbe ordenada, higienizada, normalizada, produtiva e consumista, também perpassam essa cidade dita “terra de ninguém”.

Entre murmúrios, inquietações e indignações, um abaixo-assinado foi feito por alguns moradores como forma de manifestar o não desejo pela vinda dos ex-internos para morar no conjunto residencial. Mais do que um papel repleto de assinaturas, o documento revela alguns dizeres da cidade, externaliza, em cada assinatura, o medo e a noção de periculosidade ligada à loucura. Marcam a memória de uma cidade e de

um bairro que abrigou o primeiro hospital psiquiátrico público do estado, bem como os corpos daqueles e daquelas que por tantos anos de suas vidas ficaram internados naquele calabouço manicomial.

Como poderiam ir para aquele conjunto residencial que nem parecia pertencer a Cariacica? Como poderiam, aqueles considerados destoantes da utópica ordem urbana, aqueles corpos vistos como perigosos, adentrar naquele lugar de “confortável segurança” de territórios estáveis?

Inquietações que fazem emergir memórias marcadas por uma ideia de cidade da desordem, da violência, depósito dos indesejados dos grandes centros urbanos, uma cidade sem espaços de entretenimento, abandonada por seus governantes. Nos discursos, o conjunto residencial parece se distanciar dessa cidade por sua aparente organização; seus locais de entretenimento; pelo centro comunitário e suas festinhas anuais; pela aparente segurança gerada pelos guardas municipais e policiais militares que frequentam a padaria do conjunto e se demoram entre cafés, risadas e conversas; ou ainda por sua pracinha arborizada com suas caixinhas de som a tocar qualquer música. Aparentemente, receber a loucura em seus espaços era trazer a este lugar à desordem, ao abandono, transformar o conjunto num “depósito de rejeitados”.

Para além de apenas espaços físicos, festas, músicas tocando nos postes da pracinha, o que parece se apresentar - a partir dos discursos de um conjunto residencial - é a face de uma cidade também capturada pelos ilusórios desejos de ordem e segurança de territórios estáveis. Um lugar que anseia por suas estruturas, relações, objetivos bem definidos, numa espécie de *script* urbano completamente escrito com seus personagens escolhidos a dedo, ou melhor, escolhidos a discursos e práticas.

Um lugar aparentemente projetado para existências “mutiladas pela moral convencional que nos é oferecida no âmbito dos valores burgueses”¹³⁵. Os mesmos valores que, ansiando por ordem, crescimento e produtividade das cidades produzem subjetividades encarceradas e mutiladas e fazem desaparecer dos espaços da urbe pobres, mendigos, negros, homossexuais, sífilíticos, alcoolistas. Enfim, as

¹³⁵ Barros (2003, p. 153).

“subjetividades astuciosas”¹³⁶, que por não se encaixarem nos moldes biopolíticos, receberam a loucura por nome.

As casas foram escolhidas, os contratos de locação assinados, a loucura fora adentrando aos espaços da cidade, avizinhandose das ruas, das casas, da vizinhança, do bairro. Com isso, para muitos dos seus residentes, o Conjunto Residencial Santana passou a ser chamado de “Conjunto de Doido”.

A entrada das residências terapêuticas no conjunto parece ter interrompido essa imagem de um lugar de ordem e de segurança de modos de vida ditos “normais” e “civilizados”; o louco na cidade parece interromper a ilusória fluidez do roteiro biopolítico urbano. Algumas crianças e jovens, moradores do conjunto, juntaram-se para jogar pedras nas “casinhas dos doidinhos” ou “casinhas do Adauto”, apelidos colocados nas residências terapêuticas. Neste caso, evidenciam, em brincadeiras e zombarias, atualizações de uma memória urbana marcada por toda uma concepção instituída de loucura.

As pedras jogadas nas “casinhas dos doidinhos”, as provocações realizadas por estudantes dentro de uma kombi escolar a um morador do bairro Itacibá - no intuito de vê-lo irritado, arrancando risadas daqueles que estavam dentro do veículo - nos mostra que, muitas vezes, somos constituídos, capturados, desde muito jovens, a uma ideia de normal, de “normalidade” da vida, que se apresenta como transcendente, verdadeira e eterna. Neste movimento, no encontro com vidas que diferem e desviam do escopo de um modelo de vida “doutrinada”, transformamos certos andares, roupas, falas e gestos em piadas, zombarias, provocações. Produzimos, no encontro com essas vidas tidas como “anormais”, relações de medo, segregação, exclusão, etc., enquanto nos encontramos mergulhados em nossas prisões ilusórias de uma vida “normalizada”, uma vida, portanto, sem variações. Mas não seria a vida a capacidade de gerar novas normas? De se inventar, variar, de criar modos outros de existência¹³⁷?

¹³⁶ Segundo Barros (2003, p.153), o termo “subjetividades astuciosas” é uma expressão utilizada para se “[...] referir a processos de intensificação da força de invenção que favorece a construção de formas singulares de existência em consonância com o processo vital. É invenção de novas possibilidades de vida, que divergem em relação aos interesses dominantes da sociedade”.

¹³⁷ Canguilhem (2000).

Semelhante à história do “Pato Cagão” de Itacibá - em que as pessoas desviavam daquele corpo parado em frente à igreja, fugindo às pressas para evitarem o confronto do contato, no cotidiano - com os “novos” moradores do Conjunto Residencial Santana, certos desvios e evitações emergem a fim de evitar o confronto com os corpos loucos, com modos de vida que escancaram que o sonho de uma cidade da ordem, da norma, que controla e evita os desvios não se sustenta, está fadado ao desmanche. Mas, libertar-se do cárcere da razão em que vivemos não é uma tarefa trivial, alguns vendedores do bairro se recusavam a vender seus produtos para os loucos: “O nosso bairro não é mais o mesmo, o comércio não está do mesmo jeito, está desvalorizando o comércio local”.

Talvez, quem sabe, a sensação produzida ao se deparar com aquele corpo parado em frente à igreja poderia ser a mesma, uma sensação de que algo já não é mais o mesmo, as saídas da igreja não eram as mesmas. A história de “Pato Cagão”, assim como a dos loucos do conjunto residencial, revela abalos nos territórios estáveis, provocados por essas presenças desviantes e indesejáveis, territórios esses tão acostumados ao cotidiano: acordar, trabalhar, consumir, dormir, ir à igreja fazer suas orações..., e retornar ao lar para, novamente, no dia seguinte, recomeçar o processo, em um movimento que parece não abrir passagem, não “fugir do roteiro”, para possibilitar compor a/com a cidade de outras formas.

O que aparenta é que esses corpos são invisíveis no cotidiano urbano de roteiros prontos, só se tornando “visíveis” quando parados em frente à igreja, de mãos estendidas; ao entrar numa loja para tentar comprar algo; ao estar na fila de um banco ou de um supermercado; ao tentar fazer uma aposta na lotérica; ou ainda ao tentar conversar sobre qualquer assunto numa pracinha do bairro onde residem. O que parece, portanto, é que se tornam “visíveis” quando tomam forma de “incômodo”, existências “intrusas” num cotidiano urbano de cenas biopolíticas instituídas.

A presença dessas vidas infames¹³⁸ incomoda essa urbe esculpida por um biopoder que padroniza e controla a vida, uma cidade aparentemente morta em sua função de servir de cooperação para formação de cidadãos de destinos previamente traçados.

À semelhança de um grande jardim, a urbe acolhe potencialidades como sementes para que, no futuro, germinem, desenvolvam vigorosas rumo a

¹³⁸ Foucault (2003).

uma prometida cidadania. Crianças e jovens crescerão como árvores nesta cidade jardim. Das sementes, o futuro já estaria definitivamente decidido. Do urbano, esperam-se apenas cooperação e não interferência. Cenário, solo adubado, a paisagem que acolhe sem interferir são qualidades da cidade que servirão para educar e formar cidadãos na escola sem muros¹³⁹.

O que mais pode a cidade que não aquela que colabora com o crescimento de árvores estacionadas no jardim? Ficariam essas árvores estacionadas? Seriam só árvores?

Essas vidas que foram enviadas para o manicômio de Cariacica, pobres, mendigos, alcoolistas, homossexuais, negros, mulheres indesejadas no casamento, indivíduos com seu histórico degenerescente, enfim, vidas consideradas a escória numa sociedade da normalização e de uma moralidade que escolhe vidas enquanto deixa outras para morrer¹⁴⁰, incomodam com sua presença, seu andar, falar, silenciar. Afinal, incomodam com sua vontade de não querer morrer, de não se deixar capturar, de resistir. Incomodam porque estão circulando ali, aqui, acolá, tentando comprar qualquer coisa e não em qualquer lugar bem mais distante e que não pudessem ser vistos. Incomodam porque estão na cidade e não no manicômio?

A loucura, ao transitar pelos espaços da cidade de Cariacica, provoca afetações, das mais diversas, nos territórios estáveis de um conjunto residencial aparentemente ordenado, normalizado, com suas estruturas e relações cotidianas, teoricamente, bem definidas. Nas tentativas de alugar outras casas para estabelecer outras residências terapêuticas no bairro, os proprietários jogavam os preços bem acima do valor de mercado, supostamente para que se desistisse do projeto: “Vai quebrar a casa toda, porque quando vocês saírem ninguém vai querer vir aqui, ninguém vai querer morar aqui depois que vocês saírem”.

Alugar uma casa para ex-internos de um hospital psiquiátrico era correr o risco do imóvel ficar marcado, ter o selo da loucura, a marca de que ali, naquela residência, residem ou residiam ex-internos de um hospital psiquiátrico. Parece que no instante em que a casa é alugada ela passa a ser a casa onde os “doidos”, onde suas loucuras e seus perigos moram, uma casa que se tornaria inabitável pelos ditos “sãos”. A cidade se recusava a acolher a loucura?

¹³⁹ Baptista (2019, p. 24)

¹⁴⁰ Ao falar de uma ideia de morte, não é apenas de uma morte direta, física, mas também de uma exposição indireta à morte: “o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco da morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, e etc” (FOUCAULT, 2005, p. 306).

Entre recusas de vendas de produtos pelos comerciantes do bairro, abaixo-assinado para evitar a entrada dos “novos” vizinhos, aumento do valor do aluguel, no barulho das pedras ao baterem no telhado e nos portões das “casinhas dos doidinhos”, a cidade vai revelando suas formas de exclusões “requintadas”¹⁴¹. Ou seja, nessa dita modernidade não é mais por meio do respectivo estabelecimento manicomial que opera a prática divisória entre saúde e loucura, mas pelo erguer de muros, menos visíveis, que impedem o encontro, que não permitem experimentar possibilidades outras de compor a/com a cidade. Exclusões requintadas que se atualizam em nós, cotidianamente.

[...] em uma época essencialmente marcada por privatizações e individualismos, a segregação dá-se não mais pelo encarceramento dos anormais em espaços fechados, mas sim pela exclusividade da permissão à infiltração e ao deslocamento; tornada quase fútil e obsoleta a contenção arbitrária pela solidez de grades e muros - os quais, os jogando em seus interiores, excluem, segregam, reformam e docilizam aqueles que escapam à norma -, a decorrência finda por ser uma disseminação da evitação. Segregação deveras fina, insidiosa por excelência. O paradoxo intriga: a cidade acaba assim por disseminar cada vez mais muros e grades – porém como artifício, agora, de quem quer, precisa e pode. Sob um nefasto imperativo do medo, as vias públicas desvalorizam-se, passando a servir quase exclusivamente ao deslocamento, não remetendo, no mais das vezes, a quaisquer a possibilidades de parada ou encontro. Engendram-se assim um eu e um nós cada vez mais identitários – fechados em si, defensivos, enrijecidos - a nortear a produção de subjetividade dos cidadãos¹⁴².

Disseminação da evitação e império do medo, o transitar pela cidade, aparentemente, parece servir apenas para deslocamentos de corpos. Apegados aos nossos modos de vida enrijecidos, submersos em formas identitárias, erguemos muros contra qualquer tentativa de passagem, encontro e de afetação. Conseguiríamos nos “proteger” de todos os tensionamentos que o trânsito pela cidade provoca?

A loucura, que antes fora trancada a “sete chaves” no cume de um acidentado relevo do bairro Santana - o mesmo bairro escolhido para abrigar as primeiras residências terapêuticas, que hoje conta com seis das dezoito residências existentes no estado - trava batalhas, não mais contra os muros físicos do hospital, que por anos a fez desaparecer dos espaços da cidade, mas contra os manicômios mentais¹⁴³, presentes nessa cidade que se acostumou a ver a loucura trancafiada nos portões do manicômio.

¹⁴¹ Mizoguchi (2007).

¹⁴² Mizoguchi (2007, p. 14)

¹⁴³ Pelbart (1990).

Os manicômios mentais se revelam justamente através das exclusões “requintadas” e operam, muitas vezes, de modo sutil, em função de estarem instituídas nas relações sociais, em certos discursos e práticas em relação à loucura. Melhor dizendo, entendimentos de que o dito louco é perigoso e deveria ser afastado do convívio social por oferecer perigo a si próprio e aos demais ditos “sãos”, por precisar ser enquadrado, “ajustado”, aos moldes médico-psiquiátrico, às normas e aos padrões sociais. Esses discursos que foram (e ainda são) muito usados pela psiquiatria são tomados como verdade para além do espaço hospitalar¹⁴⁴, atualizando-se em medo, indiferença ou em uma “sensação de insegurança” ao nos depararmos com a loucura-vizinha ao lado.

“Sensação de insegurança”, medo, indiferença, inquietações, revoltas, aumento dos preços nos aluguéis, desvios de calçadas para evitar os incansáveis gritos de “bom dia” da casa das escandalosas, recusas nas vendas de produtos pelos comerciantes do bairro... O Conjunto Residencial Santana exhibe suas muitas versões dos muros invisíveis dos manicômios mentais. Movimentos que trazem à lembrança a história do império que ordenou a construção da muralha da China a fim de evitar as existências intrusas que perturbavam a ordem das cidades.

Esse império teve a ideia de construir extensas muralhas em volta de seu território com o objetivo de livrar-se dos nômades que vinham de outros lugares e invadiam as cidades. Um bloco ali, outro lá, a construção não se deu de modo equivalente, nem tampouco em linha reta em que o bloco da muralha pudesse se alinhar um ao lado do outro. Na verdade, o resultado dessa construção foi uma muralha totalmente desigual, distante do verdadeiro objetivo. Para surpresa do império, os nômades continuavam a se espalhar pelos espaços das cidades, agitando-as, compondo cada ínfimo lugar com suas esquisitices e sua desarmonização com os costumes locais. O que restou ao imperador foi olhar, do alto do seu castelo, os nômades a se espalharem cada vez mais pelas cidades, mostrando que o sonho de uma pretensa ordem, evitação e proteção está fadado ao desmanche, não se sustenta com longas muralhas e pesados blocos de pedras. Apesar da força para retirá-los, já estavam

¹⁴⁴ Foucault (2015).

instaurados “no coração da capital”, restando ao imperador ser prisioneiro de sua própria fortaleza¹⁴⁵.

Os nômades destoam porque a lei deles é uma lei diferente da lei do capital, uma lei que, talvez para o império que buscava por uma pretensa ordem de seus espaços, seja incompreensível, uma lei-esquiza¹⁴⁶.

Por que esquiza? Talvez pela semelhança do nômade com o esquizo. O esquizo está presente e ausente simultaneamente, ele está na tua frente e ao mesmo tempo te escapa, sempre está dentro e fora, da conversa, da família, da cidade, da economia, da cultura, da linguagem.. Ele ocupa um território mas ao mesmo tempo o desmancha, dificilmente ele entra em confronto direto com aquilo que recusa, não aceita a dialética da oposição, que sabe submetida de antemão ao campo do adversário, por isso ele desliza, escorrega, recusa o jogo ou subverte-lhe o sentido, corrói o próprio campo e assim resiste às injunções dominantes. O nômade, como o esquizo, é o desterritorializado por excelência, aquele que foge e faz tudo fugir. Ele faz da própria desterritorialização um território subjetivo¹⁴⁷.

A história do império chinês colabora para pensarmos a cidade de Cariacica e também do Conjunto Residencial Santana. Durante muitos anos, as muralhas físicas do Hospital Adauto Botelho serviram para retirar da cena urbana as existências que desviavam do modelo social burguês que emergia. Os loucos, semelhante aos nômades, foram esses personagens indesejados da cidade, uma vez que perturbavam e traziam incômodos à ordem urbana com suas esquisitices, seus vícios, sua miséria, sua cor, sua orientação sexual, enfim, por sua considerada "inadaptabilidade" social.

“Inadaptabilidade” essa que só existia pela própria relação com os padrões sociais que emergiam, que contou, em especial, com o saber-poder do discurso médico, que se tornou um dispositivo biopolítico social de normalização e padronização dos indivíduos. Nessa relação entre o modelo normal cidadão que vai sendo construído, inventa-se o modelo anormal, verso da sociedade de normalização, uma vez que o indivíduo dito normal só assim é considerado em comparação ao análogo. Essas vidas anormais ao tipo social desejado eram consideradas inadaptáveis ao meio, precisando ter seus comportamentos corrigidos¹⁴⁸.

¹⁴⁵ Kafka (1976; 1999) apud Pelbart (2002, p.1).

¹⁴⁶ Deleuze e Guattari (1977) apud Pelbart (2002, p. 1).

¹⁴⁷ Pelbart (2002, p. 1)

¹⁴⁸ Moreira (2013).

Nesse movimento só restou ao louco as “muralhas” do Aduato, espaço de depósito de toda desordem dos grandes centros urbanos, um lugar que recolhia vidas sobre o discurso de correção e eventual readaptação dessas existências desviantes ao meio social. Um retorno à cidade que para muitos nunca chegou a acontecer, pois faleceram no hospital, enquanto outros tantos perderam mais de trinta anos de suas vidas internados naquele calabouço manicomial. Como retornariam se o manicômio era a garantia que essas existências desviantes, intrusas da cidade da ordem, jamais a pudessem incomodar novamente?

Nesses tempos de império biopolítico dito moderno, esses discursos em prol de normalização, ordem, higiene, consumo, etc., que perpassam as cidades, parecem ainda não ter desaparecido. Eles são atualizados na medida em que transformaram as muralhas físicas do manicômio em muralhas invisíveis, instituídas no corpo dos cidadãos, que semelhante ao imperador chinês, vão se tornando cada vez mais prisioneiros em suas fortalezas de subjetividades mutiladas, individualizadas e identitárias.

De fato, como poderia o Império atual manter-se caso não capturasse o desejo de milhões de pessoas? Como conseguiria ele mobilizar tanta gente caso não plugasse o sonho das multidões à sua megamáquina planetária? Como se expandiria se não vendesse a todos a promessa de uma segurança, de uma felicidade, o desejo de um modo de vida? Afinal, o que nos é vendido o tempo todo, senão isto: maneiras de ver e de sentir, de pensar e de perceber, de morar e de vestir? O fato é que consumimos, mais do que bens, formas de vida - e mesmo quando nos referimos apenas aos estratos mais carentes da população, ainda assim essa tendência é crescente¹⁴⁹.

Então, indaga-se: Qual a potência da cidade moderna? Que outras histórias têm sido construídas e contadas para além de um roteiro cotidiano biopolítico enrijecido?

Nessa Cariacica marcada pela existência do primeiro hospital psiquiátrico público do estado, as marcas emergem na construção de muralhas invisíveis frente ao reencontro com a loucura, revelando um curioso paradoxo. Semelhante ao império chinês, apesar das tentativas da construção de muralhas invisíveis para retirar e evitar o contato com as existências “intrusas”, do “coração” dessa cidade elas nunca deixaram de estar. Antes enviadas para o manicômio de Cariacica, agora percorrem suas ruas, comércios, avenidas. Agora residem ao lado, se avizinham de nós. Que histórias são contadas nesses movimentos de avizinhamo?

¹⁴⁹ Pelbart (2002, p. 1)

A loucura, portanto, vai se espalhando pelos espaços da cidade de Cariacica, percorrendo cada ínfimo recinto e nesse movimento, semelhante aos nômades, revela que a lei do “louco” é uma lei-esquiza. Ela escapa a qualquer roteiro fixo de modos de vida capturados por uma ilusória promessa de ordem, felicidade e segurança de territórios estáveis, mostra que o pretense sonho de uma cidade imóvel, inerte aos tensionamentos que nela se atualiza, não se sustenta. Logo, a cidade não é apenas cenário de roteiros biopolíticos imóveis, mas um campo minado, cenário de disputa entre o poder sobre a vida e o poder da vida.

A cidade, nesse sentido, é o campo das contaminações e deslocamentos fortuitos, em que as lutas se fazem à revelia dos esforços de classificação que ordenam e apaziguam. Concebida como campo minado, não há como nela caminhar sem riscos que abalam o nosso próprio modo de viver e agir. Ela exige de nós o exercício de uma atenção conectada ao fortuito, ao intempestivo dos encontros pequenos que ainda insistem, rompendo a malha fina da privacidade e do isolamento de um ‘eu’ ou de um nome próprio, estremecendo-os, liberando outras formas de contar as histórias que nos constituem¹⁵⁰.

É no cotidiano, ou melhor, nos encontros “pequenos” do dia-a-dia, que a cidade revela ser o palco de desmanches de histórias tomadas como únicas, verdadeiras e eternas. À margem desse roteiro outras histórias podem ser contadas.

Há, todavia, quem despreze o cotidiano. Há quem diga que ali nada há a observar além da banalidade típica do senso comum. [...] o dia-a-dia é palco pleno de férteis guerrilhas micropolíticas: embates minúsculos e intensos, enfrentamentos moleculares, contendas concretas, dentre outras, entre o poder sobre a vida e o poder da vida. [...] há algo sutil a se ler na experiência urbana a partir da familiaridade que passa despercebida e dos detalhes à primeira vista sem importância¹⁵¹.

A partir dessa reflexão, pergunta-se: nessas histórias de experiências cotidianas com a loucura encontramos um “pouco de possível”¹⁵² para não sufocarmos? Outras histórias podem emergir que não apenas de recusa à experimentação, histórias que revelam modos outros de habitar a cidade?

“Um pouco de possível” só se torna viável por um acontecimento que o faz emergir. Um acontecimento “é uma bifurcação, um desvio em relação às leis, um estado instável que abre um novo campo de possíveis”¹⁵³. Assim, nesse movimento, “o possível não preexiste, é criado pelo acontecimento. É uma questão de vida. O

¹⁵⁰ Baptista; Candido: Ávila (2020, p. 348)

¹⁵¹ Mizoguchi (2007, p. 48)

¹⁵² Deleuze (1992).

¹⁵³ Deleuze e Guatarri (2015, p. 119)

acontecimento cria uma nova existência, produz novas formas de subjetividade (novas relações com o corpo, o tempo, a sexualidade, o meio, a cultura, o trabalho...)”¹⁵⁴. Com efeito, histórias de possíveis são histórias que revelam esses movimentos de bifurcação, de desvio daquilo que parece ser imutável. Ou seja, desvios da indiferença, do medo e da recusa à experimentação para, alternativamente, criar campos de experimentação, de convívio, de produção de novas relações com a loucura para além das previamente consolidadas, cristalizadas, instituídas.

O que, ainda, nos conta a cidade?

Foi e é na própria vivência cotidiana que a cidade de Cariacica vai aprendendo a conviver com a loucura de outra forma que não sobre a ilusória “garantia” dos portões sempre trancados do Aduato. É na própria convivência diária que as muralhas da indiferença, do medo e da recusa à experimentação foram, são e podem ser quebradas para possibilitar que histórias outras sejam contadas.

Muitas vezes, a partir de um café, histórias emergem indicando outros possíveis. Nas idas à barbearia do bairro os moradores das residências terapêuticas masculinas foram desenvolvendo o hábito de passar diariamente no estabelecimento, ainda que não fosse para fazer a barba ou cortar os cabelos, mas para tomar um cafezinho distribuído no local. Nesse movimento, para garantir que o cafezinho na barbearia não faltasse, os moradores resolveram contribuir com o pó de café e açúcar. Os laços foram se estreitando, o medo e a insegurança frente ao contato com a loucura foram abrindo espaço para outras composições, para um café compartilhado, um bate-papo na porta da barbearia, um cumprimento de longe para avisar que tem café pronto.

Quanta potência pode haver num cafezinho? Quantas histórias podem ser contadas a partir de um café?

“Você gosta do café com mais açúcar e do pão na chapa sempre com presunto e queijo, né?”

“Deixei separado o açúcar, sabia que você viria” .

¹⁵⁴ Deleuze e Guattari (2015, p.119).

Um cafezinho tem a potência de corroer as prisões identitárias e individualizadas em que vivemos, tem a potência de desmanchar o medo e produzir outras relações. Com a ida frequente dos moradores das residências à padaria do conjunto, local de encontro da vizinhança, muitos vendedores foram perdendo o medo, muitas vezes ligado à noção de periculosidade que se atribui ao dito “louco”. Nesse frequentar cotidiano para um café da manhã, um lanche da tarde, ao comprar um pão, o medo vai dando espaço para a construção de outras memórias, memórias do gosto particular de um café, da preferência por um pão na chapa, de guardar o açúcar por saber que o morador-cliente viria. Enfim, experiências que, para além de um café, ou um pão, revelam que outras relações, outras composições com a loucura na cidade passam a ser possíveis, nem que seja em lampejos.

Vale dizer que na cidade nada passa despercebido e o transitar da loucura por seus espaços também não. Os rostos até então invisíveis começam a ganhar nomes, nessa vivência cotidiana a amizade pode dar sinal de seus pequenos brotos a se espalhar pelo jardim da urbe: “Bom dia seu Afonso¹⁵⁵, hoje o café é por minha conta, vamos sentar lá fora e conversar um pouco” - brotos que foram nascendo no encontro diário entre vizinhos, que passaram a guardar na memória o nome dos moradores das residências terapêuticas, a chamar para tomar um café na padaria, até mesmo pagar o cafezinho de costume da manhã, e “bater um papo” nas mesinhas do estabelecimento.

Histórias que vão compondo a cidade juntamente às tantas outras, possibilitando novas relações e composições entre loucura e cidade. Histórias que emergem das pausas para um café na padaria ou na barbearia do conjunto, que vão se misturar às histórias provenientes dos incansáveis, intransigentes e insistentes gritos de “Bom dia” disparados do portão da “casa das escandalosas”. Gritos que ecoam pelas ruas do conjunto e produzem quebras das pontes invisíveis do medo e da indiferença, que se manifestam no atravessar de calçada por alguns moradores, a fim de evitar os rotineiros cumprimentos das vizinhas. Insistentes, sempre pela manhã e à tarde, lá estão elas no portão distribuindo seus cumprimentos a quem quer que passe,

¹⁵⁵ Optou-se pela atribuição de pseudônimos com o intuito de preservar as informações pessoais daqueles citados pelos entrevistados.

cumprimentos que chegam ao outro lado da calçada e provocam abalos nas fortalezas do silêncio urbano.

“Bom dia, Maria¹⁵⁶, passei lá no supermercado para fazer umas comprinhas e comprei o mirabel que você gosta, mais tarde passo aqui e te entrego”. Os incansáveis gritos de “bom dia”, semelhante ao cafezinho cotidiano na padaria ou barbearia, convocam a produção de outras relações, outras memórias, convocam à fuga de um roteiro urbano individualizado e, aparentemente, morto. Com o tempo, os incansáveis gritos foram ganhando respostas, ainda que de primeiro momento tímidos, mas que foram produzindo paradas e aberturas no portão para conversas, visitas para o festejar de um aniversário das moradoras da residência, lembranças da compra de um mirabel favorito da amiga-vizinha.

Reafirma-se a potência do cotidiano. É nele que os embates minúsculos e intensos ocorrem, é no dia-a-dia que as corrosões às muralhas invisíveis de manicômio vão ocorrendo até que seu desmoronamento ocorra. O transitar cotidiano dos moradores pelos espaços do conjunto residencial abre possibilidades para que outras histórias emerjam, que não apenas de inquietações, recusas e medos.

Há, no cotidiano, o mistério do acaso, do imprevisto, do não calculável, nele os universalismos inquestionáveis não se sustentam por muito tempo. No cotidiano a vida revela sua desobediência às tentativas de regulamentação e padronização, seus desvios às subjetividades comercializadas. Nesse movimento, a cidade se revela palco dos acontecimentos - a qualquer momento os possíveis se criam, novas relações são forjadas.

Há, portanto, no cotidiano, a potência para desmanchar as marcas de manicômio instituídas na memória de uma cidade, mas também aquelas que ficaram no corpo daqueles e daquelas que por anos de suas vidas passaram internados no Adauto: “Você viu? Fulano voltou a usar o banheiro”.

“Aqui em casa vai funcionar assim, tem que ter fruta em cima da mesa e queijo e presunto para o café da manhã e da tarde”.

¹⁵⁶ Optou-se pela atribuição de pseudônimos com o intuito de preservar as informações pessoais daqueles citados pelos entrevistados.

“Vou na padaria comprar um picolé, quero picolé de rico, não quero picolé de pobre”,
“Vamos ‘rachar’ uma grana e fazer um churrasco”.

“Senta aqui com a gente, vamos tomar um café, tem fruta na geladeira, vou te mostrar minha coleção de porcelana que comprei”.

É no processo de composição dos espaços-tempos de Cariacica que as marcas de uma rotina manicomial vão sendo dissolvidas, moradores e moradoras das residências terapêuticas vão criando outros modos de estar e habitar.

A vida resiste, a vida insiste.

Os processos de resistência significam não apenas oposição a uma dada situação, mas criação - portanto, afirmação - de práticas sociais diversas e polifônicas, capazes de tecer outras formas de vida que ajam em vez de apenas re-agir. Estas fabricações implicam mutações dos modos de existência, dos modos de organização e sentido da participação política, dos modos de uso da cidade, das formas de organização do trabalho, da produção do conhecimento e das diversas redes de sociabilidade. Os exercícios de resistência são cantos que atraem e inquietam, afastam-nos das ordens e concepções naturalizadas; são uma abertura infinita a sinalizar que nas formas há porosidades pelas quais os processos de resistência escorrem e que estes muitas vezes estilham¹⁵⁷).

As histórias construídas a partir de um café, de um intransigente e insistente cumprimento de “Bom dia” disparado do portão de uma casa, das longas ou breves conversas nos bancos da pracinha do Conjunto Residencial Santana vão proporcionando que outras histórias emergjam e vá compondo a cidade. Histórias que contam dos barulhos das pedras a bater nos portões das “casinhas dos doidinhos” dando lugar a companhia assídua das crianças do conjunto que levam seu material escolar para participarem das atividades terapêuticas juntamente com os moradores das residências. Ou ainda, histórias das alegrias, comemorações e entusiasmos compartilhados entre a vizinhança ao frequentar as festas de carnaval, quadrilha das festas juninas, natal e fim de ano organizado pelos moradores das residências terapêuticas.

É no que consideramos banal do cotidiano que os encontros foram acontecendo e os laços foram sendo criados. É em um café, em uma ida à padaria, nas festas da pracinha do conjunto, entre tantos outros, que a cidade de Cariacica foi tendo sua

¹⁵⁷ Heckert (2014, p. 477)

pretensa ordem chacoalhada pela ocupação de seus espaços pelos “doidinhos do Adatao”. É na composição das “casinhas do Adatao” em seus espaços, do trânsito cotidiano de seus nada novos moradores que certos impérios de uma utópica estabilidade foram se desmanchando. “A urbe cortante está sempre insuflando prováveis montagens de histórias e de formas de luta; montagem feita dos restos de sonhos deixados pela metade do caminho, de cenas banais ou não, do cotidiano”¹⁵⁸.

A cidade [...] tem no cotidiano o fio cortante da maquinaria inacabada e imprevisível da vida concreta; o concreto onde efetiva-se a radicalidade desacomodadora da empiria. Desprotegido das paredes de vidro e aço, o olho que tudo alcança, o Sujeito artífice das sóbrias perspectivas, as paisagens irretocáveis correm o risco de ferir-se mortalmente no chão da urbe¹⁵⁹.

Reitera-se: a urbe é palco dos embates de um poder sobre a vida e a resposta do poder da vida, a Biopotência. O que aparenta estar inteiramente subjugado, a vida mostra sua capacidade de reviravolta, de criação, de inventividade. Essa capacidade da vida de sempre escapar aos modos de aprisionamento, essa resposta do poder da vida, que não é entendida apenas como reação “já que a potência se revela como o avesso mais íntimo, imanente e coextensivo ao próprio poder”¹⁶⁰.

Desse modo, essa potência da vida nunca deixou de existir, ainda que sob constantes estratégias de domínio.

Potência primeira, esta da vida, que goza virtualmente de uma força soberana, constitutiva, inaugural e indomável. Aquilo que parecia inteiramente submetido ao capital ou reduzido à mera passividade, ou seja, a vida, aparece nessa segunda leitura como um capital, como a fonte maior de valor, como reservatório inesgotável de sentido, de formas de existência, de direções que extrapolam as estruturas de comando e os cálculos dos poderes constituídos que pensavam pilotá-la, mesmo quando esses poderes se exercem nas suas modalidades mais acentradas, rizomáticas, imanentes¹⁶¹.

Na mesma cidade que ergue seus muros manicomial, sejam eles físicos e/ou invisíveis, tal processo também pode ruir. Nela, nada é imutável e eterno: se, por um lado, evoca-se exclusões requintadas, se muros invisíveis bloquearam a experimentação, também pudemos ver (e ainda iremos ver) os castelos de areia da imutabilidade desmoronarem.

¹⁵⁸ Baptista (2019, p.29).

¹⁵⁹ Baptista (2019, p. 30-31)

¹⁶⁰ Pelbart (2015, p.21).

¹⁶¹ Pelbart (2015, p. 21)

A cidade continua a contar infindáveis histórias, nas palavras, nos gestos, nos acenos e também nas imagens. Um pouco de possível, a cada dia, todos os dias.

Figura 24: Visita dos moradores das residências terapêuticas e usuários do CAPS ao Museu Valeu



Fonte: Acervo Pessoal de Renato Vieira.

Figura 25: Primeiro ponto de ônibus criado após a transformação no HEAC



Fonte: Acervo pessoal de Renato Vieira.

Figura 26: Primeiro dia da linha de ônibus 712 HEAC



Fonte: Acervo pessoal de Renato Vieira

Figura 27: Usuário do CAPS Moxuara com a placa de identificação da unidade de atenção clínica inaugurada no hospital



Fonte: Acervo Pessoal de Renato Vieira.

Figura 28: Ação desenvolvida pelo Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Darcy Rodrigues em conjunto com os moradores das residências terapêuticas de Santana.



Fonte: Prefeitura de Cariacica, 2019.

6 (IN) CONCLUSÕES

A loucura na cidade escancara a dificuldade de entrarmos em contato com outros modos de existência que diferem e escapam aos modelos de vida que constantemente nos é vendido, ou melhor, nos é imposto. Cada vez mais prisioneiros no cárcere da racionalidade, o contato com essas existências provoca, no mínimo, estranhamentos. A loucura nos provoca incômodo porque escapa à lógica una de um mundo racional, ordenado e imutável em que vivemos, exibindo a multiplicidade de modos de ser e estar no mundo: ela “[...] ousa misturar numa mesma vida a multiplicidade, ou melhor, (...) nos indica que ‘uma vida’ se faz na multiplicidade”¹⁶².

As histórias que contam do reencontro e composição da loucura em outros espaços da cidade de Cariacica nos ensina que é na cidade, no habitar e nela compor espaços de liberdade, que se torna estratégia fundamental para o processo de desinstitucionalização, para a ruptura do estigma, do medo e da indiferença, muitas vezes, instituídos na memória e que perpassam nossa experiência com a loucura.

Neste movimento, as histórias de inquietações quanto à chegada da loucura aos espaços do Conjunto Residencial Santana; as recusas em alugar uma casa ou vender produtos pelos comerciantes do bairro; o barulho das pedras ao baterem nos portões e telhados das residências terapêuticas; o medo ligado ao estigma de periculosidade, é que vai sendo aberto espaço para a emergência de outras histórias-experiências. Histórias que mostram as produções possíveis, que revelam a paradoxalidade da cidade, os imprevistos, o mistério do acaso que o transitar pelas ruas provoca, nos contagia e transforma. Histórias de construção de amizade, solidariedade e cooperação, seja nas pausas cotidianas para um café na padaria, na barbearia do bairro, em um cumprimento intransigente de “Bom dia”, nas festas da pracinha do conjunto, entre tantas outras.

Entendida como “campo minado”, por um lado vemos uma Cariacica perpassada por discursos de ordem, normalização e padronização; por outro, nos seus arredores, nos seus escombros, nos cantos das ruas, nas calçadas, nos mais ínfimos espaços dessa cidade, vemos emergindo a resistência. Essa acaba por se infiltrar, pedindo passagem, afirmando, seja através dos movimentos de coletivos de juventude negra,

¹⁶² Lavrador (2006, p. 33).

das lutas de uma vizinhança por um pedaço de asfalto, nas relações de um conjunto residencial com a loucura, que essa cidade dita “terra de ninguém”, da desordem, insegurança, depósito dos rejeitados, conta outras histórias para além de um roteiro biopolítico enrijecido, excludente e segregador.

Experimentar com essas histórias outras formas de se pensar e compor a cidade - para além dos modos normalizados, de produção, de consumo - é, portanto, afirmar a potência da cidade como palco de relações e conflitos, é nela em que os manicômios mentais, ou melhor, os “manicômios em nós”, podem sofrer desmanches. Há, nessa cidade, tensões intermináveis, ou seja, na medida em que é produtora de cerceamento e divisões, pode a qualquer momento ser afetada pelo desmoronamento dos muros que ela mesma produz.

É somente a partir da transformação da cidade, a partir da destruição das muralhas dos “manicômios mentais” com suas “exclusões requintadas” que se torna possível acolher a loucura. É no cotidiano que o Conjunto Residencial Santana tem sua pretensa ordem abalada, transformada, para produzir e contar histórias possíveis. Assim, quebrar os portões do manicômio só se torna possível quando quebramos as grades do cárcere da racionalidade em que vivemos, renunciando, assim, a completa imersão no império racional e produzindo possibilidades para o ato de pensar desrazoadamente. “[...] Liberar a subjetividade das amarras da verdade, chame-se ela de identidade ou estrutura, significa devolver um direito de cidadania pública ao invisível, ao indizível e até mesmo, por que não, ao impensável”¹⁶³.

Reitera-se: estar na cidade, e em meio a ela compor espaços de liberdade, é afirmar um processo de desinstitucionalização em curso, afinal, a vida é perpassada por jogos de força que ora conduzem ao encarcerar, regular e normalizar, ora produzem desmanches, escapes, bifurcações quanto a esses “destinos”, esses roteiros, aparentemente inevitáveis. Neste movimento, compor espaços de liberdade é nos permitir contagiar e transformar pelos acasos mistérios do cotidiano, ou ainda, pelos encontros com multiplicidades que o transitar pela cidade nos proporciona, multiplicidades que diferem em nós e de nós¹⁶⁴.

¹⁶³ Pelbart (1990, p.137).

¹⁶⁴ Lavrador (2006).

As lutas contra os manicômios mentais não acabaram, tampouco é tarefa simples, mas a vida afirma a multiplicidade: ela escapa dos aprisionamentos, os cárceres são minados por sua força que pulsa, que difere, que pede passagem para outros modos de existência – modos de existência louco, homossexual, negro, mulher, primitivo, animal, criança, entre outros. “[...] resistir é afirmar a potência do possível”; logo, é propiciar que aquilo que difere de nós, e talvez, primordialmente em nós, seja duplamente afirmado: dupla afirmação da multiplicidade, como existência e como possibilidade da própria multiplicidade existir¹⁶⁵.

¹⁶⁵ Lavrador (2006).

Sendo esta a forma geral, recuso-me a responder à questão que às vezes me propõem: "Ora, se o poder está por todo lado, então não há liberdade." Respondo: se há relações de poder em todo o campo social, é porque há liberdade por todo lado.

(Michel Foucault, Ditos e Escritos V, 2004, p. 277).

REFERÊNCIAS

- A GAZETA. Para 68% dos eleitores de Cariacica, gestão de juninho é ruim ou péssima. 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/politica/para-68-dos-eleitores-de-cariacica-gestao-de-juninho-e-ruim-ou-pessima-1020> , acesso em 31/08/2021
- A GAZETA.. As curiosas explicações sobre a origem do nome Cariacica. 2018. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/capixapedia/as-curiosas-explicacoes-sobre-a-origem-do-nome-cariacica-0918> , acesso em 31/08/2021
- ALVES, A.J. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. Caderno de Pesquisas, São Paulo, p. 53-61, mai 1991.
- AMARANTE, P. (Org.) Loucos pela Vida: a trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1995.
- ARAGÃO, E. M. A. “**A gente não desiste de sonhar**” – a história anônima dos conselheiros tutelares de Cariacica. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2004.
- AZEVEDO, C.P. **Cariacica em versos**. Ed. do autor. 1ª ed. Cariacica, 2017.
- BAPTISTA, L.A.S. **Escritos Urbanos**: ensaios sobre subjetividade e política. Curitiba. CRV, 2020.
- BAPTISTA, L.A.S. Para que serve a cidade? In: BOSI, ML.M; PRADO, S.D; AMPARO-SANTOS, L. (Orgs). **Cidade, corpo e alimentação**: aproximações interdisciplinares. Salvador, Edufba, 2019
- BAPTISTA, L.A.S; CÂNDIDO, M.C.C.M; ÁVILA, R.F. A cidade do anônimo: experimentações éticas. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 336-353, 2020.
- BARROS, M. E. B. A vida, como ela é? **Psicologia Clínica**, 15 (1), 153-166, 2003
- BARROS, M. E. B.; PIMENTEL, E. H. C. Políticas públicas e a construção do comum: interrogando práticas PSI. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 3-22, 2012.
- BAYER, I. (2017). A política de gestão democrática no sistema municipal de ensino de Cariacica (2005-2012): Alguns elementos constituinte. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Esino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo. 2017
- BEZERRA, Omyr Leal. **Cariacica: Resumo Histórico**. 2º edição. Cariacica: IPEDOC, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Residências Terapêuticas**: o que são, para que servem. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004. 16 p. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde).

BRASIL. Portaria nº 3.588, de 21 de dezembro de 2017. Altera as Portarias de Consolidação no 3 e no 6, de 28 de setembro de 2017, para dispor sobre a Rede de Atenção Psicossocial e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2017.

BRUCE, K. B. **Entre os Limites da Cultura Política e o Fortalecimento da Sociedade Civil: o processo do orçamento participativo no município de Cariacica**. 2007. 231 f. Dissertação (Mestrado em Política Social) Programa de Pós-Graduação em Política Social do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

CARIACICA. Câmara Municipal de Cariacica. **Lei 4373/06 | Lei nº 4373 de 10 de janeiro de 2006**. 2006. Disponível em: <https://c-mara-municipal-da-cariacica.jusbrasil.com.br/legislacao/826119/lei-4373-06> . Acesso em: 05/09/2021

CARIACICA. Prefeitura Municipal de Cariacica. **A história do Carnaval de Máscaras de Congo em 'causos'**. 2019. Disponível em: <https://www.cariacica.es.gov.br/noticias/67004/a-historia-do-carnaval-de-mascaras-de-congo-em-causos> , acesso: 04/09/2021

CARIACICA. Prefeitura Municipal de Cariacica. **Assinada Ordem de Serviço da primeira escola cívico-militar de Cariacica. 2021a** Disponível em: <https://www.cariacica.es.gov.br/noticias/68790/assinada-ordem-de-servico-da-primeira-escola-civico-militar-de-cariacica>. Acesso: 05/09/2021

CARIACICA. Prefeitura Municipal de Cariacica. **Patrimônio Cultural**. 2021b. Disponível em: www.cariacica.es.gov.br/cultura. Acesso: 05/09/2021.

CARIACICA. Prefeitura Municipal de Cariacica. **Cariacica vai ganhar segunda escola cívico-militar. 2021c**. Disponível em: <https://www.cariacica.es.gov.br/noticias/68955/cariacica-vai-ganhar-segunda-escola-civico-militar>. Acesso: 05/09/2021

CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Trad. Maria T.R.C. Barrocas e Luiz O.F.B. Leite. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CARRION, C.T.P. Desalinhados: uma história do Hospital Adauto Botelho e das memórias que ali habitam. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

CARRION, C.T.P; MARGOTTO, L.R; ARAGÃO, E.M.A. As causas das internações no Hospital Adauto Botelho (Cariacica, ES) na segunda metade do século XX. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos (Impresso), v. 21, n. 4, 1323-1340, oct./dec. 2014.

D onde. Ilha da Pólvora - Vitória / uma das ilhas mais assustadoras do Brasil. YouTube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VxQj6pb-A_Q. Acesso: 01.11.2021.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é a Filosofia? São Paulo: Editora 34. 1992

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Maio de 68 não ocorreu. Revista Trágica, v. 8, n. 1, p.119-121, 2015 jan.-abr. <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/26807> Acesso: 24/09/2021.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Kafka – por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977

DESPRET, V. Leitura etnopsicológica do segredo. Fractal: Revista de Psicologia, Niterói, v. 23, n. 1, p. 5-28, jan./abr. 2011.

ESPIRITO SANTO. Caps Moxuara participa de Bazar Solidário a partir desta quinta-feira (09) no Shopping Vitória. VITÓRIA, 2017. Disponível em: <https://saude.es.gov.br/Not%C3%ADcia/caps-moxuara-participa-de-bazar-solidario-a-partir-desta-quinta-feira-09-no-shopping-vitoria> . Acesso em: 01.11.2021.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria Estadual de Saúde. Governo inaugura Hospital de Atenção Clínica para pacientes crônicos e de urgência em Saúde Mental. Vitória, 2010.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria Estadual de Saúde. **Residências Terapêuticas superam as expectativas**. Vitória, 2005.

FERREIRA, A.B.H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOUCAULT, M. **A sociedade punitiva**. Curso dado no Collège de France (1972-1973). Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2015, 1ª ed.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: _____. Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 203-222.

FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Calvão. 4ª edição. Martins Fontes. São Paulo, 2005.

FOUCAULT, M. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FOUCAULT, M. **O poder Psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 511p.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade [Entrevista a H. Becker, R Former-Betancourt, & A. Gomez-Müller em 20 de janeiro de 1984]. In M. Barros da Mota (Ed.), Ditos e escritos V (E. Monteiro & I. A. D. Barbosa, Trads.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (1984a). 2004.)

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: _____. Repensar a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, (Ditos & escritos VI). p. 289-347.

GONÇALVES, A.G.S. As políticas públicas e a formação continuada de professores na implementação da inclusão escolar no município de Cariacica. 181p. Tese (doutorado). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, 2008

G1. **Ministro do Meio Ambiente defende passar ‘a boiada’ e ‘mudar’ regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19.** G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso: 22/10/2021

HECKERT, A. L. C. Os exercícios de resistência no contemporâneo: entre fabulações e contágios. *Psicologia em Estudo* [Impresso], 19, p. 469-479. 2014

HECKERT, A.L.C et al. Redes no território: experimentações de um programa de extensão entre desassossegos e regulamentações da vida. *Mnemosine*, v. 16, n. 1, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (IBGE) Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/cariacica/panorama> . Acesso em : 31/08/2021

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. (IJSN). Elaboração da Política de Desenvolvimento Urbano do Município de Cariacica Componente C.40. Cariacica, ago. 1984.

JABERT, A. **Da nau dos loucos ao trem de doido: as formas de administração da loucura na Primeira República – o caso do Espírito Santo.** 2001. 144 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro. 2001.

KAFKA, F. “Uma folha antiga”. In: Um médico rural, trad. Modesto Carne, São Paulo, Cia das Letras, 1999

KAFKA, F. A grande muralha da China. São Paulo: Europa América 1976

LAVRADOR, M.C.C. Loucura e Vida na Contemporaneidade. Tese de doutorado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, 194pp. 2006

LIMA, M.F. “Nos caminhos da psicologia capixaba”: notas para a história da psicologia, da psiquiatria e da saúde pública no Espírito Santo. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2005.

LOURAU, R. O instituinte contra o instituído. In: ALTOÉ, Sônia (Org.). **René Lourau: analista institucional em tempo integral.** São Paulo: Hucitec, 2004.

MARGOTTO, L.R. Transformações do espaço urbano sob o olhar da imprensa: a chegada dos —forasteirosll e do progresso à cidade de Vitória (ES, 1940-1960). *Dimensões: Revista de História da UFES*. Vitória, v. 13, pg. 51-59, jul/dez, 2001

MIZOGUCHI, D. H. *Segmentariedades: passagens do Leme ao Pontal.* São Paulo: Plêiade, 2007.

MOREIRA, A, B. Clínica e resistência: a medicina filosófica de Georges Canguihem. *Tese de doutorado em filosofia – USP.* São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, A.N.P. Políticas de inclusão escolar na educação infantil: um estudo no município de Cariacica. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. Vitória, 2015.

OLIVEIRA, C. M.C. **Atenção Básica na Assistência Social: entre miséria necessária, artes de governar e redes de solidariedade**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **Quilombos: territórios e patrimônio cultural**. In: Negros no Espírito Santo. Vitória: Coleção Canãa, 2016.

PALHANO JUNIOR, L., 1993. Dossiê Jerônimo Ribeiro. Vitória: Fundação Espírito-Santense de Pesquisa Espírita.

PELBART, P. P. **Manicômio mental: a outra face da clausura**. In: LANCETTI, A. (Org.). Saúde e loucura: número 2. São Paulo: Hucitec, 1990.

PELBART, P. P. Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo... Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 24, p. 19-26, 2015. Suplemento 1

PELBART, P.P. Biopolítica e biopotência no coração do império. (2002) Disponível em: <https://www.multitudes.net/Biopolitica-e-Biopotencia-no/> Acesso em 13.05.2021.

PINTO, S. da S. Práticas pedagógicas e o sujeito com autismo: um estudo de caso fenomenológico no ensino comum. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Educação. Vitória, 2013.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Revista Projeto História**, n. 15. São Paulo: Educ., 1997, p. 13-49.

PORTELLI, A. História oral e poder. **Mnemosine**: Rio de Janeiro, v.6, n. 2, p. 02- 13, 2010.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História** (Cultura e Representação): Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: PUC. n. 14, fev. 1997. (p. 25 a 39)

Relatório da Repartição Central de Polícia. Delegado geral Dr. Fernandes D. Rabello. Entregue em 1927

RODRIGUES, H.B.C. Alucinando Portelli. Celebração do amor entre um historiador (oral) e seu leitor. **Mnemosine**, vol. 1, nr.1, 2005.

RODRIGUES, H.B.C Intercessores e narrativas. Por uma dessujeição metodológica em pesquisa social. Pesquisas e Prática Psicossociais, v. 6(2), p. 234-242, 2011

ROTELLI, F.; LEONARDI, O.; MAURI, D. **Desinstitucionalização, uma outra via.** In: NICÁCIO, F. (Org.). Desinstitucionalização. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 17-59.

SANTOS, F.O. **Relações de poder e modos de (re) existência: como a juventude negra protagoniza lutas cotidianas contra o racismo em Cariacica/ES?** Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

SÉCULO DIÁRIO. **FAMOC completa 33 anos de luta em Cariacica.** 2019. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/direitos/famoc-completa-33-anos-de-luta-em-cariacica>. Acesso: 05/09/2021.

TEIXEIRA, R.R. **Humanização e Atenção Primária à Saúde.** Cien Saúde Coletiva 2005; 10: 585-97. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/G5f3n43ZtHJ7pBVjcD6ZcrJ/abstract/?lang=pt>, acesso: 27/08/2021

VITÓRIA. Política de Saúde Mental do Município de Vitória. Documento Preliminar. Prefeitura de Vitória, 1995.

YASUI, S. Rupturas e encontros: desafios da reforma psiquiátrica brasileira. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2010.

LIMA BARRETO, A.H.de. Cemitério dos vivos. São Paulo: Brasiliense, 1956

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE-ESCLARECIDO (TCLE)

O (A) Sr.(a) _____ foi convidado (a) a participar da pesquisa de mestrado intitulada “**A História da loucura e a Reforma Psiquiátrica na cidade de Cariacica/ES: uma análise entre os anos 1990 e 2010**” sob a responsabilidade de SAMARA PIMENTA MONECCHI.

JUSTIFICATIVA

Se justifica pela necessidade histórica e política de compreender as atualizações e transformações práticas e históricas no cuidado em saúde mental no município de Cariacica/ES.

OBJETIVO(S) DA PESQUISA

Analisar as remodelações nas práticas assistenciais dos serviços de saúde mental no município de Cariacica/ES influenciadas pelos movimentos da Reforma Psiquiátrica que emergiram ao longo dos últimos anos.

PROCEDIMENTOS

Sua participação consistirá em conceder uma entrevista com duração mínima de 40 minutos e máxima a depender de sua disponibilidade. Apenas o pesquisador responsável e a orientadora acessarão os dados identificados. As pesquisas serão transcritas e analisadas sob sigilo, e os dados serão apresentados identificados por Participante 1, Participante 2 e assim consecutivamente, garantindo que os participantes não sejam identificados em suas falas. Como estratégia para fortalecer o anonimato, diante do fato do grupo pesquisado ser restrito e facilmente identificável, os trechos das entrevistas que forem utilizados não serão associados à formação acadêmica e/ou posto público ocupado.

DURAÇÃO E LOCAL DA PESQUISA

A sua participação será concedendo uma única entrevista com duração mínima de 40 minutos e máxima a depender de sua disponibilidade. Dada a importância da ambiência nessa metodologia de entrevista realizada, bem como o cenário de Pandemia gerado pelo novo Corona vírus (Covid-19), a pesquisadora buscará realizar todo o contato (desde o primeiro contato até o último) de maneira remota (e-mail, telefone ou outras plataformas digitais informadas com antecedência), além

dos encontros para entrevistas por via de vídeo conferência, utilizando-se de plataformas acessíveis (Zoom, Whatsapp, ou outras plataformas digitais, que será comunicada com antecedência ao entrevistado) e será de inteira responsabilidade da pesquisadora. A entrevista será gravada apenas o áudio por meio de gravador de voz e a voz não será divulgada, a pesquisadora realizará a transcrição da entrevista.

RISCOS E DESCONFORTOS

Pode surgir algum incomodo ou desconforto em compartilhar informações pessoais sobre um ou mais tópicos do eixo norteador da entrevista. Diante disso, todos os nomes de pessoas citadas durante as respostas dos entrevistados serão transcritos com pseudônimos.

Nesse sentido, será assegurado o seu direito em recusar-se a manifestar-se sobre os tópicos que desejar. Também é assegurado o seu direito de retirar o consentimento à pesquisa em qualquer momento, mesmo quando a entrevista já tenha sido realizada. Em caso de retirada do consentimento após a realização da entrevista, o áudio será destruído de maneira sigilosa.

BENEFÍCIOS

Os benefícios dessa pesquisa se voltam para a produção de uma história e o resguardo de uma memória de um período, sobre o cuidado em saúde mental do Espírito Santo, bem como do município de Cariacica/ES, possibilitando conhecer as conquistas, reformulações e atualizações no campo da saúde mental.

ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA

Considerando os eventuais desconfortos de natureza psicológica que possam vir a surgir nos participantes, o pesquisador informa que o Núcleo de Psicologia Aplicada da UFES oferece atendimento psicológico gratuito à comunidade em geral e pode ser procurado. Cabe ressaltar que a disponibilidade deste está sujeita à agenda do núcleo. Tel. Contato: (27) 4009-2509.

GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA E/OU RETIRADA DE CONSENTIMENTO

A Sra/o Sro não é obrigada/o a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela em qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, a Sra/o Sro. não mais será contatada pelos pesquisadores.

GARANTIA DE MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE

Os pesquisadores se comprometem a manter sob sigilo sua identidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após publicação, para isso, não serão

divulgados junto aos trechos das entrevistas o seu nome, idade, formação acadêmica/profissão, ou qualquer outra informação que possa lhe identificar.

GARANTIA DE RESSARCIMENTO FINANCEIRO

Caso haja alguma despesa do entrevistado para participar da pesquisa, esta será ressarcida pelo pesquisador-entrevistador. Sendo o participante ciente que pode requerer ressarcimento.

GARANTIA DE INDENIZAÇÃO

Em caso de eventual dano decorrente da pesquisa, é garantido ao participante o direito a buscar indenização conforme determinação da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, em seu capítulo III, art. 9º, item VI.

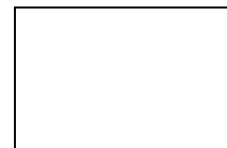
ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, o(a) Sr.(a) pode contatar a pesquisadora SAMARA PIMENTA MONECCHI no telefone (27) 9-8805- 6779 e no email: samara.monecchi@gmail.com. O(A) Sr.(a) também pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) do Campus Goiabeiras da Universidade Federal do Espírito Santo em caso de denúncia, questionamento ou intercorrências sobre a pesquisa através do endereço: Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, UFES/Campus Goiabeiras Prédio Administrativo do Centro de Ciências Humanas e Naturais Campus Universitário de Goiabeiras, Av. Fernando Ferrari, 514, Vitória - ES, 29060-970. Tel: (27) 3145-9820, e-mail cep.goiabeiras@gmail.com. O CEP tem a função de analisar projetos de pesquisa visando à proteção dos participantes dentro de padrões éticos nacionais e internacionais.

O consentimento será realizado via TCLE, deste modo, o TCLE deverá ser impresso em duas vias que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas pelo participante e pela pesquisadora, sendo que cada um receberá uma via. O envio das duas vias do TCLE será realizado via e-mail (ou outro meio remoto desejado pelo participante). Sua participação é voluntária, sendo assim o/a senhor/a poderá desistir e/ou se retirar desta no momento que desejar.

Eu, abaixo assinado, concordo voluntariamente em participar do estudo: “A História da loucura e a Reforma Psiquiátrica na cidade de Cariacica/ES: uma análise entre os anos 1990 e 2010”, declaro ainda que fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela Pesquisadora Responsável sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada por mim e pela pesquisadora principal ou seu representante, rubricada em todas as páginas.

Vitória/ES, _____ de _____ de 202__.



Impressão dactiloscópica

Participante da
pesquisa

Na qualidade de pesquisador responsável pela pesquisa “**A História da loucura e a Reforma Psiquiátrica na cidade de Cariacica/ES: uma análise entre os anos 1990 e 2010**”, declaro ter cumprido as exigências da Resolução CNS 510/2016 e 466/2012, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Pesquisador



UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESPÍRITO SANTO - CAMPUS GOIABEIRA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A HISTÓRIA DA LOUCURA E A REFORMA PSIQUIÁTRICA NA CIDADE DE CARIACICA/ES: UMA ANÁLISE ENTRE OS ANOS 1990 E 2010

Pesquisador: SAMARA PIMENTA MONECCHI

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 35333220.3.0000.5542

Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.372.195

Apresentação do Projeto:

O objetivo deste projeto de dissertação visa desenvolver um estudo sobre as práticas assistenciais dos serviços de saúde mental que emergiram entre os anos 1990 e 2010 no município de Cariacica/ES a partir dos movimentos da Reforma Psiquiátrica. Propõe, portanto, entrevistas individuais com sujeitos que participaram deste processo de transformação das práticas no município, partindo de uma metodologia “bola de neve” com inspiração cartográfica, onde as primeiras indicações de participantes serão feitas por meio de pesquisadores do grupo de Apoio Institucional em Saúde Mental: fortalecendo o processo de trabalho, na área de saúde mental, no qual a orientadora deste projeto, juntamente com outros professores do Programa de Pós Graduação em Psicologia Institucional (PPGSI) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) vêm se debruçando. A partir dessas primeiras indicações outras serão feitas, como uma bola de neve que vai aumentando. Tendo em vista o cenário de pandemia atual, todo contato será realizado por meio de plataformas digitais, como e-mails, telefones e, as entrevistas realizadas por vídeo conferência, tendo em vista, evitar qualquer forma de

disseminação e contágio pelo novo Corona vírus (COVID-19). Desse modo, vislumbra-se cartografar experiências vivenciadas pelos entrevistados, objetivando conhecer as transformações das práticas assistenciais dos serviços na cidade de Cariacica/ES e quais avanços foram possíveis conquistar nesse período.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar as remodelações nas práticas assistenciais dos serviços de saúde mental no município de Cariacica/ES influenciadas pelos movimentos da Reforma Psiquiátrica que emergiram ao longo dos últimos anos.

Objetivo Secundário:

Levantamento bibliográfico minucioso sobre as principais produções realizadas sobre o movimento da Reforma Psiquiátrica no cenário do Espírito Santo; Analisar as principais transformações que os movimentos Reforma Psiquiátrica proporcionaram nas práticas de cuidado em Saúde Mental no Estado do Espírito Santo; Estimular junto aos participantes reflexões sobre as práticas de trabalho, tratamento e assistência que se efetivavam no município de Cariacica/ES frente ao trato com os usuários dos serviços de Saúde Mental, e que transformações foi possível identificar ao longo da história.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Pode surgir algum incomodo ou desconforto em compartilhar informações pessoais sobre um ou mais tópicos do eixo norteador da entrevista. Diante disso, todos os nomes de pessoas citadas durante as respostas dos entrevistados serão transcritos com pseudônimos. Nesse sentido, será assegurado o seu direito em recusar-se a manifestar-se sobre os tópicos que desejar. Toda forma de contato estabelecido entre a pesquisadora e o(a) entrevistado (a), desde o primeiro contato, realização da entrevista e último contato, será por vias remotas (e-mail, telefone, Skype, Zoom ou outras plataformas digitais). Também é assegurado o direito de retirar o consentimento à pesquisa em qualquer momento, mesmo quando a entrevista já tenha sido realizada. Em caso de retirada do consentimento após a realização da entrevista, o áudio será destruído de maneira sigilosa. A proposta metodológica, como já indicamos, é entrevista através de vídeo conferência, sendo gravado apenas o áudio por meio de gravador, o que, a princípio, não implica risco para os participantes. No entanto, como se trata de entrevista sobre saúde mental, estamos atentos para oferecer suporte para os participantes caso necessário ou demandado. Os participantes que demandarem apoio psicológico o pesquisador informa que o Núcleo de Psicologia Aplicada da UFES oferece atendimento psicológico gratuito à comunidade em geral e pode ser procurado. Cabe ressaltar que a disponibilidade

deste está sujeita à agenda do núcleo. Tel. Contato: (27) 4009-2509. Qualquer manifestação nesse sentido será acolhida. Benefícios:

As informações fornecidas nas entrevistas poderão oferecer dados para orientar gestores, trabalhadores e sociedade civil na construção de política e programas de saúde em consonância com as necessidades reais da população usuária dos serviços de Saúde Mental do Estado do Espírito Santo, bem como para futuras melhorias no processo e práticas do cuidado em Saúde Mental no Estado e no município de Cariacica/ES. E também, contribuir para promoção do acesso à saúde dessa população de forma humanizada, com equidade, integralidade e participação social, livre de discriminação, e com respeito. Na medida em que experiências do cotidiano são rememoradas, sobre aprendizados oriundos da experiência, também poderão ser acessados saberes produzidos, que possam ter passado despercebido, e que se potencializados poderão auxiliar na organização do processo de trabalho do cotidiano do serviço, da vida em comunidade, influenciando a construção de novas práticas de cuidado e fortalecendo o movimento da Reforma Psiquiátrica no Estado do Espírito Santo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto tem grande relevância científica e social, contribuindo para um maior conhecimento das remodelações nas práticas assistenciais dos serviços de saúde mental no município de Cariacica/ES influenciadas pelos movimentos da Reforma Psiquiátrica que emergiram ao longo dos últimos anos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Com base na Resolução CNS nº 466/2012 e Resolução CNS 510/2016, foram analisados os seguintes quesitos:

1)Folha de Rosto para pesquisa envolvendo seres humanos:

Adequada.

Todos os campos estão preenchidos. A folha é assinada pela Diretora do Centro de Ciências Humanas e Naturais da UFES.

2)Projeto de Pesquisa Detalhado:

Adequado.

O arquivo “A HISTÓRIA DA LOUCURA E A REFORMA PSIQUIÁTRICA NA CIDADE DE CARIACICA UMA ANÁLISE ENTRE OS ANOS 1990 E 2010”, submetido na categoria Projeto de Pesquisa Detalhado, totaliza 34 páginas, nas quais estão apresentados, de modo estruturado e detalhado, em seções específicas, a literatura

científica sobre a área em questão; as discussões pertinentes ao objeto de estudo; os objetivos da pesquisa; os procedimentos metodológicos; os critérios de seleção de participantes; os recursos metodológicos a serem utilizados; os procedimentos de análise e o cronograma. Nos anexos são apresentados os instrumentos utilizados na pesquisa.

3) Termos de Consentimento Livre e Esclarecido & Assentimento Livre e Esclarecido: Adequados.

Contemplam os itens solicitados pela Resolução nº466/2012 e Resolução CNS 510/2016.

4) Cronograma:

Adequado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto tem grande relevância científica e social, com possibilidade de benefício direto aos participantes. O protocolo de pesquisa encontra-se em consonância com as Resoluções 466/2012 e 510/2015 do CNS. Portanto, o parecer é favorável à aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1582695.pdf	15/07/2020 13:10:02		Aceito
Cronograma	Cronograma_detalhado.pdf	15/07/2020 13:06:14	SAMARA PIMENTA MONECCHI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Samara_Monecchi.pdf	15/07/2020 13:05:57	SAMARA PIMENTA MONECCHI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	15/07/2020 13:04:29	SAMARA PIMENTA MONECCHI	Aceito
Outros	Roteiro_Entrevistas.pdf	01/07/2020 22:19:30	SAMARA PIMENTA MONECCHI	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Plataforma_Brasil_Samara.pdf	01/07/2020 21:28:42	SAMARA PIMENTA MONECCHI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VITORIA, 30 de Outubro de 2020

Assinado por:
KALLINE PEREIRA AROEIRA
(Coordenador(a))